

EDITORIAL

2014 começa com um grande desafio editorial para o **RelevO**, senão o maior: estabelecer um *ombudsman*. *Ombudsman* é aquela categoria peculiar e rara do habitus jornalístico responsável por criticar, analisar e estabelecer uma conexão entre as reclamações, elogios e sugestões dos leitores.

Ombudsman deriva do idioma sueco e quer dizer representante do povo. Na lógica de redação, é o ouvidor, um elo independente entre a instituição e sua comunidade de usuários, inclusive de entorpecentes, caso o nosso jornal auxilie no barato.

No Brasil, a **Folha de S.Paulo** é a pioneira a designar este profissional para analisar semanalmente o trabalho da redação. Atualmente, Suzana Singer exerce o cargo, com mandato de um ano e possibilidade de renovação de mais dois. É a décima profissional a ocupar o cargo no periódico.

Apesar de soar indispensável para o cotidiano de redação, o *ombudsman* não é bem visto entre *publishers* por representar a exibição pública dos erros da marca e expor de modo muitas vezes impiedoso as contradições inerentes ao ofício jornalístico. [Mas, sejamos francos: a maior parte dos donos de jornal não tem interesse em ter um crítico da casa porque defende interesses políticos e econômicos por mera permuta financeira e é geralmente destituída de espírito cívico. Além da **Folha**, apenas **O Povo**, de Fortaleza, tem a função.]

O **RelevO** pretende, inicialmente, estabelecer mandato de três meses, com possibilidade de duas renovações de mais três meses. O jornalista Osny Tavares será o responsável pela seção e terá total liberdade editorial e de espaço – seu primeiro ensaio conta, nesta edição, com quatro páginas. Não iremos editar o material. Ele terá via livre para apontar as contradições editoriais, nossas falhas técnicas e localizar o nosso projeto dentro de um contexto mais amplo e referencial. Também ficará responsável pela indicação de seu sucessor.

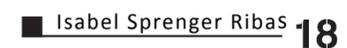
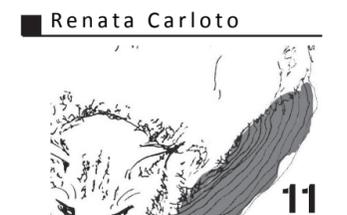
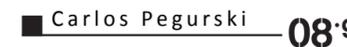
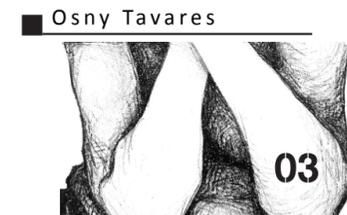
Em tempos de jornalismo impresso cada vez mais descaracterizado e perdendo terreno para novas plataformas tecnológicas, acreditamos que seja essencial pensar mais o nosso trabalho e o que pretendemos enquanto papel e veículo de comunicação.

Os leitores podem entrar em contato com Osny Tavares no osnylt@gmail.com.

Esperamos que vocês gostem da novidade.

Iremos nos divertir.

Uma boa leitura a todos.



EXPEDIENTE

Fundado em Setembro de 2010

Editor: Daniel Zanella

Editor-Assistente: Ricardo Pozzo

Revisão: Mateus Ribereite

Ombudsman: Osny Tavares.

Projeto gráfico: Iara Amaral

Impressão: Gráfica Exceuni

Tiragem: 3000

Edição finalizada em: 13 de Janeiro

CONTATO

twitter.com/jornalrelevo

Facebook: Jornal RelevO

jornalrelevo@gmail.com

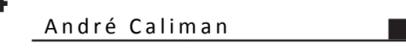
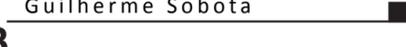
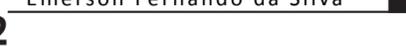
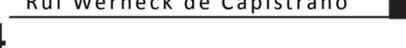
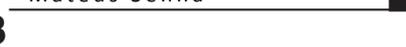
Edições anteriores:

issuu.com/jornalrelevo

CAPA

Luna Loo é Escultora, desenhista e Artista plástica.

Participa da mais recente exposição de cerâmica no MON



Luna Loo
Técnica: Nanquim e aquarela



Publiquei meu primeiro texto aos nove anos. Nossa turma da quarta série da Escola Estadual Santo Antonio, no bairro Orleans, em Curitiba, havia sido selecionada para uma atividade desenvolvida pela Emater, hoje Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural. Ao longo de um dia, iríamos fazer um passeio de ônibus ao longo do rio Passaúna, desde a nascente, no município metropolitano de Campo Magro, até a barragem, no limite com Araucária, outra cidade do entorno. Uma espécie de River Tour em que um técnico da autarquia faria as vezes de guia de turismo, explicando a geografia e a importância econômica do rio que fornece água potável para a região oeste de Curitiba, onde ficava a escola, a minha casa, a de meus amigos, o parquinho, a ladeira asfaltada de onde descíamos de rolimã e quase tudo que eu sabia do mundo até então.

O passeio começou pela nascente do rio. O ônibus parou numa estrada de chão em frente a uma porteira. Após vencermos uma pequena subida, alcançamos uma bica ao pé de um morro, que desaguava ininterruptamente numa tina de pedra. O técnico nos garantiu que aquela água era tão pura que poderíamos beber dela à vontade, não fosse a possibilidade de algum animal ter urinado por ali nas horas anteriores à nossa chegada. Era uma informação que nos surpreendia em parte. Moradores da periferia da capital paranaense, não éramos urbanos o suficiente para demonstrar estranhamento com a vida na natureza e nem rurais a ponto de ter recebido algum tipo de educação familiar em relação a ela. Alguns alunos de fato viviam em chácaras de Santa Felicidade e Campo Largo, porém a maioria, como eu, morava em casas com quintais e dispunha apenas de algum bosque próximo para brincar.

Osny Tavares

UMA HISTÓRIA PESSOAL DA IMPRESSÃO

NA ERA DO POSTING, A PALAVRA ESTAMPADA NO PAPEL É REPRODUZIDA EM ESCALA SE LEVANTA COMO MANIFESTO ESTÉTICO. AÇÃO POLÍTICA E ATIVISMO CULTURAL.

Na segunda parte da explicação, o técnico nos convidou a subir mais alguns metros. Paramos embaixo de um grande pinheiro. “Pinheiro araucária”, especificou ele. Uma árvore com centenas de anos, e sabiam disso porque a cada ano de crescimento ela deixava um anel no tronco, como aquelas mães americanas que registram o crescimento do filho com risquinhos no batente da porta. Aquele pinheiro era tão importante que havia sido tombado. Nos entreolhamos após essa palavra, pois a única aceção que conhecíamos dela era justamente o contrário do que ele queria dizer. O experiente palestrante já previa a confusão, provavelmente tarimbado por dezenas de crianças anteriores a nós e suas risadinhas e piadinhas. Criara então a habilidade de voltar a brincadeira a seu favor e, interrogando com inteligência os mais saídnos, nos proporcionou a compreensão de um sofisticado conceito jurídico. Para a maioria, o primeiro. E para mim, também um dos últimos.

Visitamos a área do lixão da Lamenha Pequena, que durante décadas poluiu o Passaúna e havia sido fechado anos antes. Apenas observamos de dentro do veículo, e fiz minha única pergunta durante o passeio. “O que são aquelas casinhas? Tem gente morando lá?” Eram estações de controle da decomposição, explicou o guia. “porém mais acima é possível observar áreas de invasão”, apontou. Terminamos o trajeto no mirante da barragem, observando de Curitiba o entardecer sobre a cidade de Araucária, ao longe.

No dia seguinte, Dirlei, nossa professora, pediu um trabalho sobre a excursão. Tínhamos de escolher um dos pontos visitados e construir uma maquete ou elaborar um cartaz explicativo. Por motivos que até hoje me são obscuros, escolhi o pinheiro, que havia sido amplamente apontado como o momento menos interessante do passeio, e o cartaz, sempre menos atrativo quando colocado ao lado das maquetes. Apenas um outro colega escolheria o pinheiro, mas optando pela maquete. Tinha, portanto, um material exclusivo a exibir. Comprei uma cartolina verde, desenhei o pinheiro a lápis Nº 2 de alto a baixo da folha e o colorei com lápis de cor. Pinteí de leve para que a ilustração funcionasse como marca d’água para o texto que viria por cima. Usando uma régua, risquei pauta e margem na cartolina. Escrevi o texto também a lápis, em letra grande, cuidando para que tivesse o tamanho da cartolina. Concluído o esboço, contornei o texto com caneta e apaguei a versão a lápis

junto com as linhas-guia. O que sobrou era uma redação retilínea, uniforme e livre de erros.

A sala de aula tinha uma longa bancada em imitação de granito, que se estendia desde a porta de entrada até a parede dos fundos. Num dos cantos ficava a pia em que bebíamos água e lavávamos a mão. As maquetes foram colocadas sobre a bancada e os cartazes, afixados na parede acima, na altura da visão de um adulto. Encerrada a montagem, a professora Dirlei foi convidar a orientadora educacional da escola para ser a visitante inaugural. Clélia era o nome dela. Lembro que era uma educadora com o raro dom de inspirar respeito e temor entre as crianças sem precisar jamais levantar a voz ou fazer qualquer tipo de ameaça. Se havia alguém que procurávamos agradar, e cuja aprovação nos envaldecia, era a professora Clélia.

Quando as duas professoras entraram, a turma imediatamente fez silêncio. A professora Clélia nos cumprimentou e começou a visitação a partir da porta. Em um ou outro trabalho fez alguma observação. Duas vezes perguntou quem era o autor e o questionou sobre alguma escolha ou objetivo do projeto. Meu cartaz estava pouco depois da metade. Clélia parou diante dele. “Você conhece o Pinheiro Araucária?” era o título (num lapso de interpretação durante o passeio, havia entendido que Araucária era um nome exclusivo daquele exemplar). Abaixo, uma esforçada redação quarto-anista: “O Pinheiro Araucária fica perto da nascente do Rio Passaúna. [...] Sua idade é contada pelos anéis no tronco. [...] Esta árvore é tombada, ou seja, ninguém pode cortá-la [...]”

Enquanto lia meu cartaz, Clélia tirou os óculos e mordeu a ponta de uma das hastes. “Quem fez esse daqui?”, perguntou ela. Levantei a mão meio assustado. “Está muito bom. Bem escrito mesmo, né, Dirlei?” Nossa professora aquiesceu, ambas olharam para mim e senti o rosto pegar fogo enquanto permanecia em pé, imóvel e mudo. “A gente pode mimeografar e distribuir pro quarto ano, que tal?”, sugeriu Clélia a Dirlei. “Ah, claro”, respondeu minha professora.

Clélia me conduziu até a “Direção”, a construção na entrada da escola que concentrava todo o departamento administrativo. Abriu um armário com a chave e retirou uma folha de matriz para mimeógrafo. Para os ainda mais jovens que eu, o mi-

meógrafa é uma maquina de impressão manual. Escrevia-se numa folha matricial, chamada estêncil, que continha a tinta. Colocada numa manivela, passava o texto para folhas de sulfite com o auxílio de álcool, que soltava o pigmento no papel. Era uma forma de impressão mais barata que o xerox numa época em que não existiam impressoras a laser (e nem de cartuchos de tinta). As provas recém-impressas exalavam álcool, e quando cheirávamos a página éramos imediatamente repreendidos pela professora. Cléria me orientou a levar a folha de estêncil para casa, transcrever meu texto e trazê-la no dia seguinte. Aquele era um material relativamente caro, e jamais havia sido visto nas mãos de um aluno. “Você sabe usar isso, Osny?”, perguntou a professora Dirlei quando me viu entrar na sala com o estêncil na mão. Perto do fim da aula, retirei meu trabalho da parede, deixando banguela a fileira de cartazes. Enrolei-o e coloquei debaixo do braço.

Eu era o único a levar o trabalho de volta no mesmo dia da entrega, o que me deixou muito exultante. Entendi aquilo como uma distinção rara, até então a maior de minha carreira acadêmica. Até aquele momento eu era um aluno sem grande destaque entre os colegas. Na pré-escola, sentávamos em mesinhas de quatro ou cinco alunos e, ao nos chamar para atividades em grupo, a professora costumava dizer “mesinha do fulano” ou “mesinha do sicrano”. Para nós a preposição indicava predominância, posse, liderança, em vez de simplesmente se referir à mesa em que fulano ou sicrano estava sentado. A professora sabia disso, pois quando dizia “a mesinha do...” os alunos gritavam a sugerir os próprios nomes. Ela inclusive estimulava a competição, esticando a última vogal em tom de suspense. Eu jamais gritava meu nome. Era um aluno quieto, desconfortável na turma e com dificuldade de entrosamento. Naquele ano (meu único pré-escolar, pois fui matriculado tardiamente), lembro-me de haver ocorrido “mesinha do Osny” apenas duas vezes, por iniciativa espontânea da professora. Ainda guardo certa mágoa de sua falta de generosidade.

Por isso, o texto do pinheiro me permitiu degustar uma recém-adquirida vaidade intelectual, objetificada na folha de estêncil que eu levei para casa e na qual transcrevi meu elogiado texto, desenhando lentamente cada letra com o máximo de atenção. Ainda assim cometi um lapso num fim de linha, esquecendo-me de hifenizar um verbo antes de chegar à pauta que delimitava o fim da mancha. A alternativa foi espremer o “R” no milímetro que havia sobrado.

No dia seguinte, fui sozinho à Direção (outro privilégio) entregar a matriz para a professora Cléria. Ela não estava, então a deixei aos cuidados de uma secretária, fazendo questão de ressaltar que “a professora Cléria sabia do que se tratava”. “Você conhece o Pinheiro Araucária?” teve uma tiragem única de 120 exemplares, o suficiente para as três turmas da quarta série. O lançamento teve lugar dois dias depois. Cléria foi me buscar na sala de aula. Bati o olho na folha impressa, maravilhado com minhas palavras reproduzidas no azul claro da tinta de mimeógrafo. Percebi então que sob a assinatura no rodapé (Osny L. Tavares Jr.) havia sido escrito “4ª série A” numa letra bem mais bonita que a minha. “Você esqueceu-se de colocar a turma”, justificou ela.

Na 4ª A bastava distribuir a redação, pois os colegas estavam inteirados do contexto. Na B e na C, entretanto, Cléria me levou para uma rápida apresentação. Lembro pouco do que ela disse sobre mim ou meu texto, congelado por quarenta pares de olhos que se fixavam nos meus. Não sabia se sorria ou ficava sério. Dei tchauzinho para os colegas que conhecia, tentando me divertir com o inusitado da situação. As duas turmas ouviram em silêncio, efeito da presença sempre imponente da orientadora educacional. Mas para mim aquele mutismo significou algo distinto. Estavam me avaliando, me desafiando, me julgando, como adversários de pôquer que, em sua imobilidade, transferem a tensão ao apostador na esperança que ele se traia e revele sua mão.

Estava guardando essa história para um momento mais nobre. Caso a minha decisão de escrever profissionalmente venha a obter algum êxito, certamente serei chamado à aceitação de alguma honraria advinda dessa produção. Então usaria o episódio para insinuar uma autoentrega à predestinação, a forma mais fácil e socialmente aceita de legitimação de status. As pessoas adoram histórias de predestinação. Incapazes de viver com a aleatoriedade da sorte, talento, condição financeira e oportunidade para dedicação, encontram nas forças ocultas o único senso de justiça para o lugar de cada pessoa no mundo, incluindo o próprio. Se leem uma biografia de John Lennon, haverá comoção no trecho em que o menino aparece brincando com um violãozinho, ainda que milhões de outras crianças tenham batido cordas de nylon e jamais composto uma “A Day in The Life” (se este ensaio fosse escrito em inglês, aqui estaria um divertido trocadilho).

A história do pinheiro seria minha pequena contribuição a esse autoengano coletivo. Mas recentemente percebi o quanto ela é banal e, por isso, incapaz de produzir o resultado pretendido. Vamos retirar da análise as questões de memória afetiva, cujos efeitos se reproduzem apenas no autor-confessor. O que sobra é um “craft” lúdico que se decanta na passagem dos anos, sem peso para marcar um estágio de formação ou estabelecer um início de rota, um relato nostálgico de trabalhos manuais e tecnologias obsoletas. Perdi o timing da história. Se os mimeógrafos ainda existissem e, com o poder odorífero da impressão a álcool, tivessem bloqueado toda possibilidade de inovação, a publicação de “Você conhece o Pinheiro Araucária?” teria mantido a força. Mas publicar, transformado em “postar” na sociedade 2.0, se tornou um ato corriqueiro. Todos os dias, porcentagem relativamente grande do planeta Terra desenha em cartolinas virtuais e as prega nas paredes virtuais, por onde algumas dezenas de pessoas virtualmente passarão e se deterão por alguns segundos. E começam bem antes dos nove anos. Que pais resistem a tirar foto do filho recém-nascido e postar nas redes sociais, onde provavelmente receberão uma enxurrada de cumprimentos? O ser humano do século 21 não apenas nasce publicado, como estreia best-seller.

Pertencem a derradeira geração que nasceu sem internet, o que me coloca, junto com meus pares, em posição ideal para observar a perda gradual dos

referenciais analógicos. Somos a era da transição, e devemos encaixotar nossa coleção de experiências para a necessária mudança. Recentemente, a Apple atualizou seu sistema operacional para celular e tablet. O iOS 7 estreou sob uma chuva de críticas quanto à aparência, tachado de feio e infantil por diversos usuários, uma suposta falha grave para a empresa que se vangloria do design de seus produtos. Os aplicativos de leitura e escrita do iPad foram os alvos principais. Um usuário reclamou que o bloco de notas virtual perdeu a referência a seu correlato físico. A tela não imita uma folha amarela com pauta e margem, a fonte não é cursiva e foi embora a decoração de fundo que simulava uma capa de couro marrom-escuro a sustentar as “folhas”. Outro se frustrou ao abrir o iBooks e não encontrar a tela em forma de prateleira de madeira, com os livros enfileirados com a capa para frente.

Esses consumidores têm razão em sua revolta. Ao modificar a diretriz estética do aparelho, a empresa quebrou um pacto assumido no momento da venda, evidenciando no próprio nome do produto. Brincando de etimologistas, podemos dizer que a junção de “i” (internet) e “pad” (bloco de notas, em inglês) estabelece comercialmente um hibridismo analógico-digital, tendo no produto o melhor dos dois mundos. Esse é um tipo de interface pensada especialmente para os usuários de transição. A experiência analógica da formação é simulada e melhorada aos poucos no novo ambiente. À medida em que a faixa etária da transição vai encolhendo entre a clientela da Apple (e de todas as outras empresas), a interface de transição vai se extinguindo em igual medida. No Windows a transição é mais serena. Ainda temos as pastas, mas as gavetas dentro de outras gavetas dentro de porta-arquivos, comuns na versão 95, foram substituídas por uma organização mais horizontal. Nós, da transição, somos tratados como pessoas que acabaram de acordar de um longo coma e precisam ser informadas sobre o mundo atual em pequenas doses, que começam com a queda da União Soviética e se encerram com a morte dos pais.

Como jornalista, também pertencem a uma geração de transição. Sou membro da última turma de estudantes a almejar a mídia convencional como possibilidade maior de realização profissional, projeto de carreira e incubadora criativa. Entrei na faculdade em 2003. A imprensa sofria os primeiros abalos provocados pela revolução digital. Mas os profissionais da área, o que inclui os professores, viviam num estado de negação. O individualismo típico da classe, somado ao discurso do triunfo da competência em um meio que se entende quase artístico, nos fazia conservar um romantismo meio ingênuo, meio ignorante, que já naquele momento não encontrava respaldo nas redações e que dali a alguns anos se transformaria num ectoplasma, a lembrança de um tempo mantida viva por aqueles que jamais o haviam vivido.

A safra seguinte está se formando sob novo pensamento. A crise do mercado, o fim da obrigatoriedade do diploma e a ascensão da internet como plataforma principal do debate público criaram uma geração de alunos de jornalismo conscientes da necessidade de inventar o próprio emprego. Estão surgindo, com frequência cada vez maior, iniciativas arrojadas, maduras e criativas, concebidas por estudantes que entendem as plataformas, sejam elas novas ou antigas, como ferramentas e

possibilidades complementares, em vez de raias a delimitar seus espaços na corrida. Dentre eles está o criador e editor deste RelevO, o recém-formado Daniel Zanella, e, acredito eu, diversos de seus colaboradores de primeira hora. Volto a eles em breve.



Existe no palco uma espécie de altivez intrínseca. É para onde todos os olhos devem convergir. Nivelado acima das cabeças da plateia (mesmo em teatros com inclinação, essa é a impressão que causa), sua arquitetura é um argumento de autoridade a defender a arte como uma manifestação do sublime – uma ideia, aliás, bastante ocidental e contemporânea. O “espírito do palco” imiscui-se a artistas experientes e novatos de formas distintas. Àquele que logrou formar uma plateia, atrair constante interesse, ser reconhecido pela crítica e admirado pelos pares, a presença no palco está socialmente legitimada e dificilmente gera contestação. O novato precisa marcar posição à força. Antes que a multidão aceite carregá-lo nos ombros, deve gerar em si o manifesto e militar por ele. Mais arte (e mais um artista) significa para o público um passo a mais na jornada de sofisticação intelectual. Quando o repertório cultural se amplia, amplia-se também a densidade do mundo. Uma pequena revolução, e como todas as revoluções, necessita do germe da mobilização social. Em condições de relativa paz, ninguém sai de casa rumo à batalha ou ao teatro.

É uma analogia que serve para quase toda vida intelectual. Na literatura, a representação do palco é a prateleira da livraria (quem trabalha no mercado editorial conhece o sem-número de filtros para se chegar ali) e, depois, a estante da sala do leitor. A frente da sala de aula é um palco e o professor, o intérprete de um monólogo compulsório. Por isso, no momento em que parei diante das turmas com meu texto do pinheiro, senti-me invadindo um espaço que não me pertencia. Claro que meu escrito nada tinha de artístico ou literário, nem os minutos de apresentação substituíam uma aula. Mas ocorria ali uma singela provocação. Naqueles instantes a ordem convencional de emissor-receptor havia sido quebrada, obrigando os alunos a recalibrarem o eixo de atenção. Quando o professor apresenta seu conteúdo, o estudante comodamente se submete à autoridade. Mas o colega que levanta e se coloca à frente, que intenciona o palco, rasura o contrato social. Exige daquele que permanece sentado uma reinterpretção da história. Aquele texto do pinheiro foi a lição de iniciação artística mais importante de minha vida. Descobri que escrever é um ato de provocação. Não estaria aqui se não fosse por ele.

No início de 2013, uma ilustrativa polêmica se deu em nossa gleba cultural. O jornalista Guilherme Voitich, da Gazeta do Povo, escreveu uma crítica amplamente negativa ao clipe “A gente não tá de brincadeira”, de autoria do músico curitibano Alexandre França e interpretado com participação de Uyara Torrente e Luiz Felipe Leprevost. Na canção, os artistas prestam tributo aos colegas locais e tentam circuscrevê-los ao panorama histórico-cultural da música brasileira. Para Voitich, o produto era uma tentativa de autolegitimação ante certa irrelevância artística diante do público amplo. “O clipe só escancara o que essa geração realmente é: autorreferencial, culturalmente domesticada, dona de um discurso bom-moço que não incomoda ninguém”, escreveu o jornalista.

Dentre reações oficiais ou oficiosas, ponderadas ou agressivas, na própria Gazeta ou em mídias sociais, foi Leprevost o responsável pela réplica-síntese, publicada no jornal dias depois. O músico defendeu a qualidade da produção local, suas opções estéticas e delimitação de público. Comparou a postura a outras supostamente semelhantes e que alcançaram valoração histórica (Paratodos, de Chico Buarque, é a alusão mais forte). Por fim, questionou: “se Voitich deu-se ao trabalho de escrever sobre o cenário, que para ele é irrelevante, por que então se deu ao trabalho?”

Essa é uma pergunta interessante. Somos uma sociedade do descarte. Produzimos muito mais do que somos capazes de consumir. Nossa principal tarefa cotidiana é refutar tudo o que não nos cabe. O ato de preterir peneira à individualidade da massa de significados que a indústria tenta atrelar a nós. A compra é a assunção final de um projeto de conquista que começa na fábrica e testa sua eficiência no soft power do mercado (não apenas do supermercado). Já a recusa é imediata. Sabemos que algo nos é estranho e/ou inútil no momento em que batemos o olho nele, sem contar aqueles produtos que jamais tiveram a chance de entrar em nosso raio de visão.

A maior parte da produção cultural pertence a esse segundo grupo de preterição. Um cenário que se expandiu em tempos de democratização dos meios de produção cultural e perda de referenciais críticos. Sem grandes gastos de divulgação, o artista novo está dependente do boca a boca virtual, onde a influência dos opinadores é, de certo modo, planificada. Claro que alguns perfis são mais “seguidos” que outros, mas estão mais próximos entre si do que o colunista do grande jornal comparado ao seu vizinho, nos tempos pré-internet. A mídia que possibilita a qualquer aspirante os meios de criação é a mesma que o joga no caldo comum da cultura. Irônico, porém justo.

Na Rússia stalinista, a produção literária foi tomada sob o controle do estado. Os escritores ganhavam um dia para se dedicar à arte a cada tantos trabalhados. As “folgas” se tornavam mais frequentes à medida que o autor se popularizava conforme os interesses estatais, que tomou para si não somente o controle sobre os meios de distribuição ou censura das obras, mas também a tarefa de atribuir valor e legitimação aos artistas. Dentro do contexto da ideologia socialista, portanto, torcer o nariz para determinado escritor era um ataque à própria base política e social que o empoderava. O autor assimilado se investia do poder estatal, imitando como poder popular. Ser um escritor russo era ser um escritor da Rússia, com todas as benesses semânticas advindas do rótulo. Claro, havia a dissidência de Soljenitsin e alguns outros.

Guilherme Voitich não teria bom fim na Rússia comunista. Sua proposta crítica é o oposto de tudo o que a cartilha pregava: individualista, globalista, estetizante, meritocrática. Mas, sobretudo, é democrática em sua recusa, por dispendir tempo para analisar a produção e situá-la numa escala de valor, por acareá-la com sua própria experiência e repertório, e por usar a canção como elemento de alteridade no refilamento de seu gosto. França, Uyara e Leprevost provocaram nele a mesma inquietação que, imagino, meu texto do pinheiro ao pousar na carteira dos colegas. Nos dias seguintes, não recebi qualquer crítica de conteúdo, infelizmente. O único colega a comentar o texto apenas destacou que, devido àquele “R” esmagado no canto da página, a professora foi obrigada a interromper a leitura em grupo para tentar decifrar a letra.

O papel que antes era do estado totalitário hoje foi assumido pelas grandes corporações de tecnologia. Ao fornecer os canais e plataformas de comunicação, condicionam o consumo a um padrão que passa necessariamente por si, uma influência galgada a partir da empatia sobre o indivíduo, esse ator máximo da contemporaneidade. A Apple busca oferecer uma experiência sensorial tão intensa e satisfatória que se antecipa ao conteúdo puxado da rede, e vende essa ideia com fôlego de mascate: “vejam como isso é bonito, como desliza suavemente, como é o programa mais eficiente que você já viu”.

Enquanto isso, o mercado da informação perde a verticalização que sempre lhe ajudou a se manter forte e influente. As editoras de jornais e revistas, incapazes de competir no mercado global de tecnologia, deixam de ser as detentoras de todos os processos da cadeia (produção, impressão e distribuição) para se vocacionar como empresas de “conteúdo”, enquanto suam para desenvolver apple-jornais e apple-revistas, seguindo bovinamente as tendências de uma companhia centralizadora a ponto de



EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico

Preparatório - Graduação Pós-Graduação

Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895

Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2º andar - Centro - Araucária | www.exatoeducacional.com.br | exato_cursos@brturbo.com.br

tentar mudar a representação de objetos como uma estante ou um bloco de notas. Steve Jobs, ao apresentar o iPad, se vangloriava: “você tem a internet em suas mãos”. E você, Jobs, onde quer que esteja, tem os seguidores de internet nas suas.

Como lembrou Jonathan Franzen em um ensaio recente, a Amazon adota agenda semelhante. O objetivo final é que a indicação de leitura mais aceita seja a dos algoritmos do site, baseado nas compras prévias, e corroborado pelas opiniões de usuários publicadas também no site. O consumidor de cultura fica isolado numa bolha de referências laterais. O único movimento possível é dar uma volta ao redor de si.

IV

Então o tal do Zanella resolve criar um jornal de literatura, impresso e gratuito, distribuído em diversos pontos, tendo como público-alvo qualquer um que queira pegá-lo. Os autores são, em grande parte, jovens aspirantes que encontram no veículo um espaço livre para imprimir (o que, sabemos agora, é diferente de publicar) suas primeiras experiências. A novidade veio de Araucária, do outro lado do rio Passaúna, e veio dar na praia sem mar da Praça da Espanha. O jornal está rodando, primeiro na gráfica, depois de mão em mão, há três anos, o que já o caracteriza como uma publicação longa, levando-se em conta o período de vida médio desse tipo de publicação.

Toda produção colaborativa inicialmente sofre com a falta de uma linha de atuação executável ao longo dos textos. Sem a pressão coercitiva de um padrão remunerador, via de regra o responsável último por “pensar” o produto, cada autor se encarrega de implantar a própria visão. A liberdade é a contrapartida da falta de dinheiro. O único agregador é a proximidade cultural estabelecida pela idade, formação, local de residência, transformando em produto uma convergência estética inconsciente. O pauteiro chama-se Ethos.

Essa é a impressão de quem lê. Para os que escrevem, o veículo aparece como possível trampolim para o mercado estabelecido, “profissional”, digamos. A preocupação primeira do autor é a impressão de si que irá causar nas pessoas. Ainda sem uma obra que venha à frente do nome e sirva de escudo, o aspirante busca na escrita uma aproximação do próprio nome com a produção artística. A cada frase, clama desesperadamente pelo direito de subir ao palco, sem perceber que aqueles olhos fixos da plateia não necessariamente o estão reprimindo. Apenas adotam a postura defensiva de quem se vê na iminência de ser provocado. Subir ao palco requer tão somente a impetuosidade de se assumir artista.

A provocação, no entanto, raramente acontece, o que inibe do leitor aquele estado de atenção constante próprio dos ameaçados. No lugar, existe uma tentativa de contemplação do leitor para o autor que, apesar de servir ao interesse do aspirante, é culturalmente irrelevante, principalmente se centrada em ativismo intelectual. O leitor longe do centro, distante do alvo, jamais terá a oportunidade de ver retratado e questionar: “por que se deu ao trabalho?”

Esse é um dilema estampado na capa do jornal, que se recusa a estampar chamadas de capa. Aparenta certa timidez, como se incapaz de fazer um transeunte parar para ver o que o jornal tem a oferecer. RelevO se recusa a seduzir, esperando que o leitor tome a atitude. Talvez a proposta seja acompanhar a tendência de algumas publicações com leitores fidelizados, da qual a revista The New Yorker é o exemplo imediato. Convém lembrar que mesmo a publicação octogenária percebe a necessidade de se anunciar. A capa limpa é exclusiva para assinantes, enquanto a edição de banca tem uma sobrecapa destacável para as chamadas que se estende sobre metade da ilustração.

Numa produção colaborativa, a circulação local acaba por se tornar uma vantagem. Melhor que cabresto, é um estabilizador de foco. Jornais convencionais que, apesar da circulação geograficamente limitada, se propõem a abraçar o mundo com seus braços curtos têm fracassado sistematicamente. The Daily, um jornal para tablet supostamente direcionado a todo o mundo, naufragou justamente por não encontrar um receptor específico. Quem fala a todos não fala a ninguém.

O jornal e a revista são experiências de rua. Precisam do espaço público físico para atacar o leitor de chofre e conquistá-lo. Sabemos o que acontece se o veículo resolver transferir essa responsabilidade para os portais de tecnologia. Publicações como o RelevO têm a oportunidade de forjar uma comunidade, mas para isso precisam da coragem para provocar e retirar o leitor do tédio no qual está imerso. Não é apenas uma questão de mercado, mas um projeto artístico e intelectual.

Refleti sobre isso recentemente, durante os dias finais de um relacionamento afetivo. Minha então namorada e eu estávamos indo a um bar onde encontraríamos alguns amigos. Fomos os primeiros a chegar, ao ponto de o estabelecimento ainda estar fechado. Resolvemos esperar no antessala de um espaço cultural vizinho. Em um expositor diante das poltronas, repousavam diversas publicações, RelevO dentre elas. Escolhemos duas revistas, sentamos e começamos a ler, sem trocar palavra. Nossa narrativa como casal havia terminado. Queríamos outras. É nesse espaço de solidão, por vezes esquecido, mas jamais extinto, que nós autores devemos atuar.

V

Por muito tempo esqueci completamente da publicação do texto do pinheiro. Passados vários anos, estava morando em outra região da cidade, em meio a outro círculo de amigos. Não havia nenhum ponto de contato a me aproximar desse período da minha vida, um distanciamento que eu conscientemente havia buscado. A história estava toda lá, porém, soterrada em meio a outras lembranças.

Numa das vezes em que fui visitar minha mãe, encontrei no terminal de ônibus um dos colegas, André Gomes é o nome dele, e resolvemos desistir de esperar pelo ônibus alimentador e caminhar até o bairro. Eu já estava formado e começava a atuar na área; André estudava à noite enquanto trabalhava como representante comercial de uma indústria de ferragens. Outrora havíamos sido amigos próximos, mas o fluxo de afastamento a que me submeti o levou junto para longe.

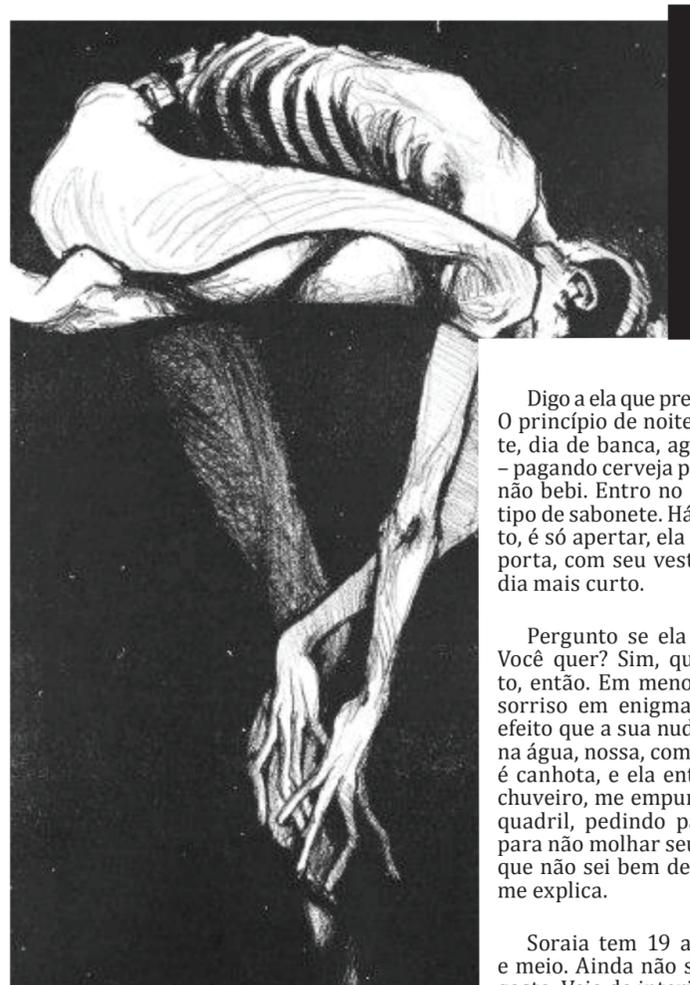
Durante o trajeto, começamos a relembrar causas da infância. Então ele ressuscitou a publicação do texto do pinheiro. Toda a primeira parte deste ensaio descarregou-se em meu lobo frontal como num jorro. Poucas vezes me senti tão feliz e melancólico.

“Sabe, eu acho que ainda tenho esse texto guardado lá em casa”, disse ele. Fui tomado de susto, mas tentei não reagir de forma efusiva. Seria provavelmente a única cópia a ainda existir. André de fato era um arquivista, mas provavelmente estava enganado. Confundi “Você conhece o Pinheiro Araucária?” com alguma prova ou trabalho do nosso velho Santo Antonio.

André é o que hoje eu chamaria de leitor qualificado. Além disso, ele é importante na minha formação moral. Era a 5ª série e estávamos uma vez mais na mesma sala. No entanto, meu comportamento estava diferente. Havia passado da timidez à expansividade. Me tornara inquieto, desrespeitoso e barulhento. Fosse hoje, seria imediatamente diagnosticado como hiperativo. O casmurro da sala agora era outro. Este garoto era tão tenso que certo dia chegou a morder a caneta até que a tinta azul lhe manchasse toda a boca. Assim que o primeiro aluno viu e apontou, começaram as chacotas e gargalhadas. Eu era um dos que mais o achincalhava, provavelmente reconhecendo nele a criança que eu havia sido anteriormente. Me vingava de mim mesmo. Em meio à balbúrdia, André levantou-se, pôs a mão no ombro do menino e o acompanhou até a pia no canto da sala. apontava os pontos do rosto que ainda precisavam ser lavados. Jamais havia visto atitude tão digna e madura vinda de alguém da minha idade.

Conversamos poucas vezes desde o dia em que ele lembrou o texto do pinheiro. Jamais pedi que ele o procurasse, sequer toquei novamente no assunto. Quero conservar o prazer de imaginar que, em algum lugar em meio a uma pilha de papéis, uma folha de papel permanece intacta. E nela, uma brincadeira de criança.

Daniel Zanella



Isabelle Lemes

Técnica: Nanquim

SORAIA

Digo a ela que preciso tomar um banho antes. O princípio de noite foi altamente transpirante, dia de banca, agora estou, enfim, formado – pagando cerveja para todos os amigos, quase não bebi. Entro no chuveiro e procuro algum tipo de sabonete. Há um pote suspenso no canto, é só apertar, ela me ensina, se apoiando na porta, com seu vestido preto, não sei se cada dia mais curto.

Pergunto se ela irá tomar banho comigo. Você quer? Sim, quero, respondo. Um minuto, então. Em menos disso ela volta, com um sorriso em enigma, provavelmente ciosa do efeito que a sua nudez causa. Coloca uma mão na água, nossa, como está quente, pergunto se é canhota, e ela entra quase inteiramente no chuveiro, me empurrando levemente com seu quadril, pedindo para que eu tome cuidado para não molhar seu cabelo escuro, um chanel que não sei bem definir. Chanel invertido, ela me explica.

Soraia tem 19 anos. Trabalha há um ano e meio. Ainda não sabe dizer se gosta ou não gosta. Veio do interior do Paraná, algo que seu sotaque evidencia com certa facilidade. Ela sorri com pouco afinco, parece ter vergonha dos dentes, que são um pouco tortinhos e conferem a ela um ar encantador. Presumo 1,70, é bem branquinha, duas tatuagens, uma nas costas, outra na parte interna da coxa, magrinha e estontantemente charmosa.

Antes de sair do banho, percorro suas costas com minhas mãos, um tanto incrédulo do que vejo. Ela tem um leve arrepio e se vira pra mim, encostando seu nariz ao meu. Então, desliga o chuveiro e dá uma breve respirada no meu pescoço antes de me alcançar a toalha. Enxugo-me e me dirijo à cama, onde sento na ponta e a aguardo. E ela vem, eu sentado, imóvel, ela de pé, soberana de meu sexo. Pergunta como gosto. Digo que faça como quiser. Ela se aproxima lentamente, senta na minha perna esquerda, afinal, somos canhotos, e me beija.

E eu beijo mesmo.



João Paulo
Técnica: Nanquim e aquarela

Todo amor é um pouco esquisito – e costuma ser ele todo. No meu caso, eu soube que estava apaixonado quando gostei da pintinha dela. Talvez eu precise explicar, não sei se todo mundo julga assim, mas sempre pensei: as pintinhas, as pintinhas da pele, são algo imanescentes. Elas fazem lembrar que somos um corpo. Pense você: seja vegano ou não; goste de filmes cult ou não; leia antes de dormir ou não; seja gentil ou não. As pintinhas permanecerão as mesmas. Emagreça, engorde, cresça, fume, viaje: lá estarão elas. São todo o resquício do biológico, toda a negação de uma civilidade.

Mas quando a conheci, me chamou atenção. Uma única pintinha, suficiente, um pouco acima dos seios (lindos), caindo para o coração. Talvez por isso. O fato é que aquela pintinha, incriticável, me fez acolher a mulher toda. Me fez querer o corpo todo. Hoje, quando vejo seu sorriso, eu sinto aqueles clichês todos.

Mas é quando eu olho pra pinta dela que a sinto minha, porque é nossa – só ela tem aquela pintinha, só eu a enxergo com aquela inclinação. O que era uma promessa, cumprida com desejo, hoje é um pacto. Quando a minha barba deixa a pele dela vermelha e a pintinha resiste, entendo: é a cicatriz mais linda do mundo.

Quando ela fecha os olhos, ou os deixa semi-cerrados, é a pinta que ela sente. É a segunda vista que nasce. Posso ver a pinta arfar, lutar, romper, estourar de amor. É por ela que conversamos. Às vezes, quando o corpo enlaça a alma, me pergunto se seria capaz de tanto amor se o corpo zombasse de mim e me a fizesse com essa pinta a menos.

E a resposta que melhor me ocorre é que eu tenho um buraco no peito, branco de incompletude. Que somos encaixe. Que de outro jeito não sei, não seria.

TRÊS COLINAS

Antes mesmo de sabermos as letras e os números, as imagens já nos cegam. Coloridas, muitas, vivas e sedutoras, jorram sobre nós com desespero. O cérebro faz malabarismo para resguardar o pouco de humanidade que a espécie lhe emprestou.

Com seis anos, gostava de uma menina falante que sentava ao meu lado na escola. Gostar dela significava olhar para ela o tempo todo: vê-la sorrindo, vê-la gesticulando, vê-la passando bilhetinho para as amigas, vê-la. Era meu horizonte.

Nessa época, eu pensava que, excetuando a possibilidade de ser enterrado vivo, ficar cego seria o pior que poderia ocorrer a qualquer um de nós. A vida, então, era exclusivamente visual e o desenho do objeto era o objeto, enfim. Sem cor, o mundo ficaria só adulto, o que eu julgava simplesmente não me dizer respeito. (Talvez, por isso, o mundo ainda seja pouco meu.)

Mas hoje eu vejo diferente.

- Você vai o quê? - ela achou graça.

- Apagar a luz.

- Por quê?

- Porque vou.

- Pra quê?

- Pra te ver.

E as peles nuas, no intervalo, se beijaram.

Acordei com o cabelo dela enlulado no meu rosto, enroscado na minha barba, fazendo cócegas e incomodando a respiração. Era um bom dia maravilhoso. Corrigi o fluxo dos fios temperamentais e, ainda deitado, apertando sua cintura, dei fim ao vão entre eu e ela.

Não queria acordá-la, mas queria demais. Precisava dela e procurava despertá-la com pequenos carinhos, sobre os quais eu poderia dizer baixinho e disfarçadamente:

- Te acordei, amor? Me desculpe.

Mas seria de propósito, vocês entendem. Então beijei as suas costas nuas com minha barba displicente, como quem come um doce sozinho, degustando devagar. Quando ela acordou, eu cochichei, espantado: nossa, te acordei, amor? Me desculpe.

Para ela também era um bom dia maravilhoso, eu sei. Virou-se para mim, me deu um beijo rápido e estalado, sorriu e fez carinho no meu rosto, tentando acertar o fluxo dos fios rebeldes.

Ainda havia frio da noite. Eu a cobri melhor. Ficamos minutos em silêncio, sorrindo um para o outro, sobre o mesmo travesseiro, até que o meu corpo sentiu frio também. Então eu a virei de costas para mim, sem vão, e a abracei.

Ela adormeceu com o cabelo enlulado no meu rosto, enroscado na minha barba, fazendo cócegas e incomodando a respiração.

Leonard Cohen
Tradução: Diego Zerwes



Isabelle Lemes
Técnica: Nanquim

STORIES OF THE STREETS HISTÓRIAS DAS RUAS

]]

*The stories of the street are mine,
the Spanish voices laugh.
The Cadillacs go creeping now
through the night and the poison gas,
and I lean from my window sill
in this old hotel I chose,
yes one hand on my suicide,
one hand on the rose.
I know you've heard it's over
now and war must surely come,
the cities they are broke in
half and the middle men are gone.
But let me ask you one more time,
O children of the dusk,
All these hunters who are shrieking
now oh do they speak for us?
And where do all these highways go,
now that we are free?
Why are the armies marching still
that were coming home to me?
O lady with your legs so fine
O stranger at your wheel,
You are locked into your suffering
and your pleasures are the seal.
The age of lust is giving birth,*

*and both the parents ask
the nurse to tell them fairy tales
on both sides of the glass.
And now the infant with his cord
is hauled in like a kite,
and one eye filled with blueprints,
one eye filled with night.
O come with me my little one,
we will find that farm
and grow us grass and apples
there and keep all the animals warm.
And if by chance I wake at night
and I ask you who I am,
O take me to the slaughterhouse,
I will wait there with the lamb.
With one hand on the hexagram
and one hand on the girl
I balance on a wishing well
that all men call the world.
We are so small between the stars,
so large against the sky,
and lost among the subway crowds
I try to catch your eye.*

As histórias da rua são minhas,
as vozes espanholas zombam.
Pela noite e pelo gás venenoso,
os Cadillacs desfilam,
eu me inclino no peitoril da janela,
neste velho hotel que escolhi,
sim, uma mão no meu suicídio,
a outra mão na rosa.
Sei que você soube que tudo
acabou e a guerra deve chegar,
as cidades estão partidas ao meio e
os homens de meia idade se foram.
Mas deixe-me perguntar mais uma vez,
crianças do amanhecer,
Todos esses caçadores que guincham
agora, eles falam por nós?
E pra onde vão estas estradas,
agora que estamos livres?
Por que os exércitos que
vinham até mim ainda marcham?
Ó, moça com suas pernas tão finas,
ó, estranho a dirigir,
Vocês estão presos em seus
sofrimento e os prazeres são o selo.
A era da luxúria está parindo,
e os pais pedem que a enfermeira

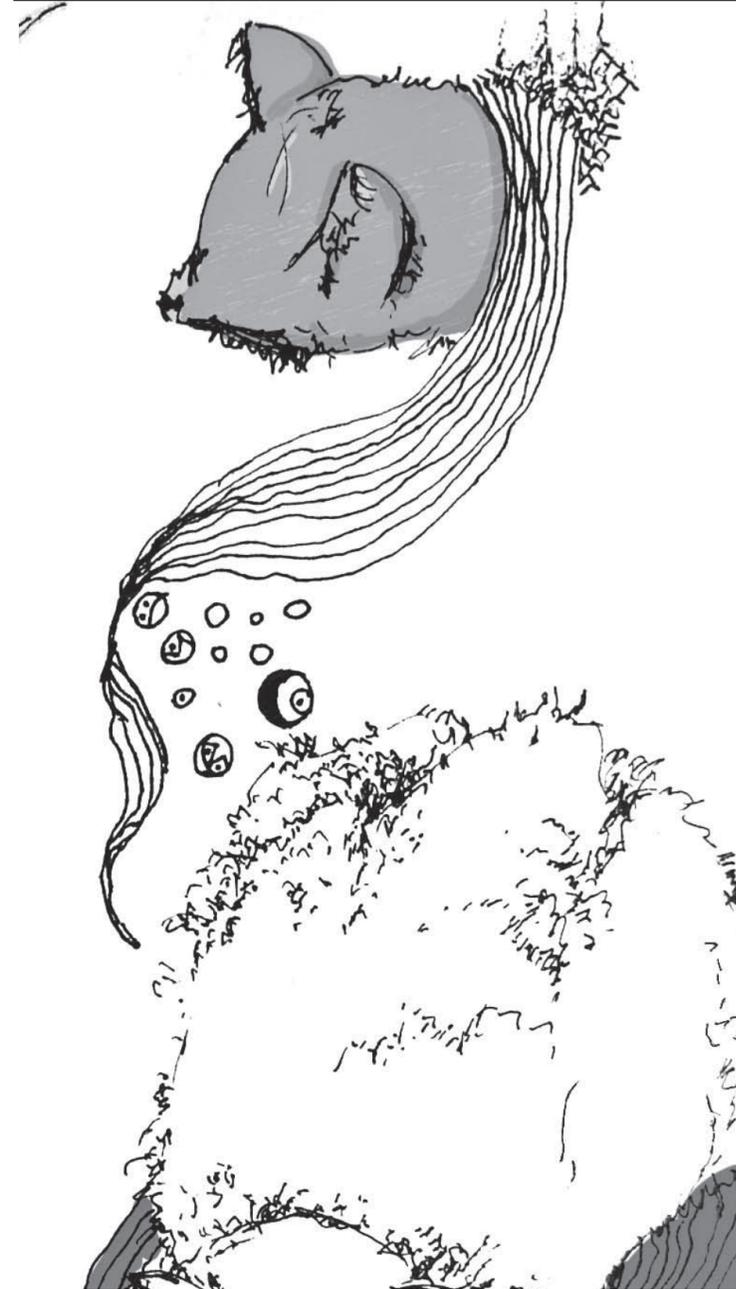
conte a eles contos de fadas
dos dois lados do vidro.
E a infância com seu fio
é puxada como uma pipa,
e um olho como uma cópia
heliográfica, e outra completo pela noite.
Venha comigo minha querida,
vamos encontrar aquela fazenda
fazer a grama e macieiras crescerem
e manter todos os animais aquecidos.
E se por um acaso eu acordar
de noite e te perguntar quem eu sou,
me leve até o abatedouro, estarei
esperando com o cordeiro.
Com uma mão no hexagrama e a
outra mão na garota
Eu me equilíbrio num poço dos desejos,
que todos os homem chamam de mundo.
Somos tão pequenos entre as estrelas,
tão grandes contra o sol,
e perdidos entre a multidão no
metrô, eu tento chamar a tua atenção.

VOX URBE

W Toda terça Abertura do Bar 21h
Entrada: R\$ 6,00

Wolha Bar Rua Trajano Reis, 326, São Francisco 3026-6272

Renata Carloto



Iara Amaral
Técnica: Nanquim e aquarela

1 HORA DA MANHÃ

1 hora da manhã.
Janela aberta. – Calor ou espera?
Celular desligado.
Músicas de fim de noite.

Acústicos românticos.
Serenata sem destino. – Ou sem destinatário?
Um misto de tudo que possa virar poema.
Nunca é demais.

Mas faltam versos.
Faltam estrofes.
Falta destinatário.

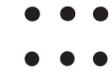
Já passou de 1 hora.
Deve ser isso...

Interpretando
Interpretando.
Obtém sucesso sempre.
Músicas. – Desde a melodia.
Textos. – Desde o título.
Intenções. – Desde as primeiras.

Expressões. – Da mais triste à mais feliz.
Olhares. – Do castanho escuro ao verde claro.
Notícias. – Do Ego à Folha.
Notas. – De dó a si.

O sucesso é certo. – Desde que não se trate de você.

Gladston Holanda



EU VEJO



Os velhos pelas ruas das Perdizes
Com seus andares claudicantes
Com sua visão claudicante
Com suas mãos trêmulas e sem acompanhantes.
Eu vejo os velhos pelas ruas das Perdizes
Imagino seus sonhos seus amores suas dores
Sua vida suas frustrações seus medos
Suas filhas seus filhos seus netos seus bisnetos.
Eu vejo os velhos das Perdizes e imagino
Como sofreram como mentiram como foram verdadeiros
O quanto traíram o quanto foram traídos
Que promessas fizeram que frustrações tiveram.
Eu vejo os velhos pelas ruas das Perdizes e penso
No quando e no quanto ficarei velho.
Não no velho da burocracia da lei que determina
Que ser velho é ter chegado aos 60.
Mas o velho decrepito depauperado.
Eu vejo os velhos pelas ruas das Perdizes
E imagino como pensam na morte
Na vida no pouco tempo que lhes resta
E o que realmente vão deixar se é que vão.
Eu vejo os velhos pelas ruas das Perdizes
E penso que foram jovens como os jovens da PUC
que vejo pelas ruas das Perdizes e penso
O que os velhos pensam dos jovens pelas ruas das Perdizes.
Eu vejo os jovens pelas ruas das Perdizes
E penso nos sonhos desses jovens das ruas das Perdizes
Que podem ter os mesmos sonhos dos velhos

das ruas Perdizes
Por um mundo melhor por uma vida melhor
por um grande amor.
Eu vejo os jovens pelas ruas das Perdizes
E penso na finitude do ser do amor do querer.
Eu vejo os velhos e jovens pelas ruas das Perdizes
E na distância que separa, nós, os velhos das ruas das Perdizes,
Deles, os jovens das ruas das Perdizes.

Luna Loo
Técnica: Nanquim

Mateus Senna

SERPENTÉIA

"MAS A ORGANIZAÇÃO SEMPRE RENASCE. MAIS FORTE. MAIS SÓLIDA E MAIS PODEROSA"
MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA

Estória dura, amigos, só fiquem se tiverem estomago.

A tarde esgotava a luz no emaranhado das nuvens e folhas e ventos correntes por todos os lados de um cenário fundo e esqualido da civilização acostumada ao de sempre. O shopping espelhado refletia a atmosfera cansada dos caminhantes com olhares ao chão, passando por ele como velhos conhecidos, dando-lhe sorrisos fortuitos ao lembrarem-se das virtudes da torre de marfim. Logo à frente, uma multidão criava forma estranha; torciam seus corpos no mesmo grau da esquina entre a rua do ônibus e a avenida da faculdade que, por sua vez, suja, cinza de cimento, assistia triste toda aquela centopéia à espera do minhocão azul. Seu Zé, Karlos Marco, Dona Lourdes, Amélia, Ignácio, Maycon, Adolfo, Elvys, Cláudio, Fred, Murilo, Maria, José Maria, João, Joãozinho, Aristídes, Pedro...ZeKaLoAmlgayAdEl-ClaFreMuMaJoJoArPe, assim se operava a construção do bicho, que a cada minuto crescia cinco metros na cauda e diminuía dois na cara.

Jesus, estudante, rapazote esquelético, de óculos, aparelho nos dentes, cocho; ao sair da faculdade deparou-se com o horror ao qual teria de se entregar. Viscoso, os rostos das pessoas pingavam óleo; pútrido, as axilas dos trabalhadores exalavam a morte dos vivos; cinzento, a mistura de brancos e pretos e de suas peles se tocando sem vontade; torto, os empurrões, as mãos abanando, mochilas e bolsas caindo, coceira nas partes genitais, alguns tentando fugir da traseira e se unir aos que formavam o tronco do inseto. O rapaz tomou lugar. Durante aquele minuto seria ele o último, durante todo aquele minuto seria ele o cu. "Merda, merda de centopéia! Animal de rápida locomoção.

Todo o dia é sempre a mesma Merda!". Alguns olhares voltaram-se ao jovem, dona Cândida chegou a colocar as mãos sobre os ouvidos da pequena Cândinha - aos seus joelhos chorava descontrolada. Jesus enrubesceu-se, escondeu os olhos num grupo de pessoas que fumavam a seu lado. "Bosta, bosta, bosta, bosta...". A centopéia andou quatro passos, logo doze pernas se postaram atrás do moleque. A noite era fato, Meia hora, uma hora, duas, já não tinha forma animal, monstruosa.

"Chega dessa porra! Esse ônibus não chega nunca! Não dá pra ficar assim sempre!". Jesus, já vencido, desta vez acompanhou os pescoços que se torciam e as colunas que se espiralavam em busca de uma boa visão do gritador. Outro que acabara de tomar a posição de cu. Sempre o número excluído, sempre o número a transformar par em ímpar.

- Não grite, idiota, vai acordá-los!

- Vai acordar eles!

- E aí o bicho pega, a merda fica feita.

Aviso tardio, companheiros. O zunido foi alto. Chacoalhando asas. Os uniformes pretos se confundiam na escuridão. Ao estridente som da primeira bala a centopéia monstro dispersou-se. Besouros, vôo impossível. Gafanhotos. Eram muitos para retomar a ordem. As partes da Quilópode se misturaram. Gritos desassossegados, estrondos. Algo de novo se formava ali.

Jesus nesse momento já andava cego em meio à confusão, seus óculos receberam o impacto daquele tiro e um dos olhos carregava uma trave de vidro que lhe manchava o rosto de vermelho escarlate. Dona Cândida se perdera da filha e chorava convulsa atrás de uma lixeira, enquanto a menina, em vigor, esmurrava a cabeça de um policial desmaiado no meio da rua. Adolfo, Karlos Marco, Aristídes e Fred se esconderam na faculdade, olhando por uma fresta de janela quebrada tudo que se passava do lado de fora. O último cu jazia sobre as escadas do shopping, tentara fugir, mas fora atingido pelas costas - eram muitos os besouros sobre sua carcaça. O caos se acomodara naquela esquina, convidara todos os sentimentos, seres e forças. A chuva batia rígida em quem ainda tentava se mover por entre o emaranhado de vidas, os pingos embarçavam a vista dos capacetes e cadetes e lavavam os cortes profundos dos membros da centopéia - como cola, raios unificavam o animal, reformando o canal digestivo. Um por um. A fila se fez outra, mãos sobre ombros, faminta. Elástica, escamosa, presas afiadas e venenosas. Os besouros, à primeira ordem vinda de cima, partiram, um ou outro resolveu ficar.

O bicho não tinha mais rabo, todos eram cu. Jesus, caído sobre a cama de sangue criada por seus olhos, descansava tranqüilo. A cobra deslizou, seguindo pelas canaletas, buscando mais e mais cus, crescendo a cada metro e berro.

Eis, camaradas, a história da serpente, descida do morrer, a procurar pedaços do ser. Atenta, adubada a cidade.

 Joaquim Livraria

livronauta@joaquimlivraria.com.br
Rua Alfredo Bufren, 51 conj 2 - Centro / Curitiba-PR

LIVROS - LP S

(41) 3078-5990

www.joaquimlivraria.livronauta.com.br

O JEITO
DIVERTIDO
DE DOMINAR
O CONHECIMENTO.

 FISK

CENTRO DE ENSINO
DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA
R. JOÃO PESSOA, 35
TELS: 3642-3690
3031-7040

CONTATO@FISKARAUCARIA.COM.BR
WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR

Jucélia
(41) 3031-2357
(41) 9663-7557

 RENEW

AVON

the company for women

TRIBOS]]

Os fulô atacaram os haussa.
 Num momento do mundo,
 o historiador de plantão só registrou o fato.
 Chovia? Era noite estrelada ou tedioso dia?
 Napoleão distante dormia?
 Que foi na África, se sabe.
 Motivos: talvez comida, retaliação,
 invasão de território,
 provocação de vizinho
 ou apenas divertimento.
 Os chefes não entraram para a História,
 que dirá os guerreiros.
 Gritaram slogans de ataque?
 Saquearam os despojos?
 Estupraram e mataram mulheres?
 Riram à roda da fogueira?
 Alardearam os malignos feitos?
 O tempo encobriu tudo,
 menos o breve registro.
 E, à roda do seu calor morto,
 com palavras dou vida ao evento.
 O mundo sempre foi cheio de mongóis,
 mouros, mandingo, bérbere (ou bárbaros?),
 godos, visigodos, ostrogodos.
 Os fatimídias de hoje moram
 nas quitinetes de Copacabana.
 Os otomanos tomam sorvete
 no calçadão da Rua das Flores.
 Os capetos jogam baralho
 com os vikingues
 em cassinos clandestinos. E perdem.
 E sobram cholas, vândalos, hunos,
 bizantinos em estádios de futebol e
 shows de rock.
 Nada se perde, nada se cria.
 Embolamos anglo com saxões e
 temos um império,
 incas tiram prata
 do nariz da Estátua da Liberdade,
 muçulmanos brincam de terroristas e
 rezam pra matar e pra morrer.
 Tudo se transforma em receita
 de fazer jornal com fermento
 de estranhas ideologias e tempero de sangue.
 Tudo servido em porções pautadas
 pelo consumo rápido e quente.
 A História que coma depois.
 Frio ou requentado.
 E vomite pras futuras tribos.

Rui Werneck de Capistrano



Isabelle Lemes
 Técnica: Nanquim

Carolina Tinoco



Iara Amaral
 Técnica: Aquarela e nanquim

Agita o véu daquele cometa,
 grande e misteriosa nau!
 Dedos entrelaçados
 linhas tão vacilantes
 Oceano do devir
 longínquas e largas enseadas
 A flecha agora é assestada.

Aporta o brilho itinerante,
 grande e misteriosa nau!
 Da proa, o porvir
 decantou o incerto constelado
 Eis o Amor, eis o Norte!
 Latitudes incrustadas
 a terra então tornou-se sal.

Retoma o fôlego da fé,
 grande e misteriosa nau!
 Ilhas agora a imergir
 meridianos agora a diluir
 Rastros de ondas singrantes
 o mundo então tornou-se fulgor
 Eis o Amor, eis o Norte!



8 de dezembro •
sobreviver à raposa e às uvas

8 de dezembro •
sobreviver à sede e ao desejo de se afogar

10 de dezembro às 15:08 •
a pessoa amada sou eu voltando a mim
eu sou a pessoa amada de mim mesma
e volto sempre melhor que antes amém

11 de dezembro às 10:42 •
a manhã nos obriga
a chorar
sempre

esquecer
a tosse noturna do filho

a urgência
do amor

o verbo
nosso pai
o silêncio
nosso filho

nosso rito diário
de esquecer

11 de dezembro às 14:48 •
"lá o desejo
lá nossa casa
lá

11 de dezembro às 22:50 •
eu não contei que ela usava uma saia marrom desbotada. que tinha o cabelo comprido e muito branco, aspecto saudável e ares de esquecimento. numa altura do sonho ela passou a mão esquerda nas partes e olhou preocupada. quando eu questionei, ela fez o mesmo gesto e me mostrou a mão: ela estava vertendo leite.

12 de dezembro às 12:53 •
eu tô sentindo um cheiro neste ônibus. eu tô sentindo no ar o cheiro de quem tá partindo, o cheiro de quem tá esquecendo, de quem vai descer pra sempre desse ônibus, adeus.

adoro andar de ônibus só por isso.

Sexta às 13:45 •
uma manhã, por favor.

Sábado às 23:57 •
Querida K.,

nunca mais falou comigo. volte.

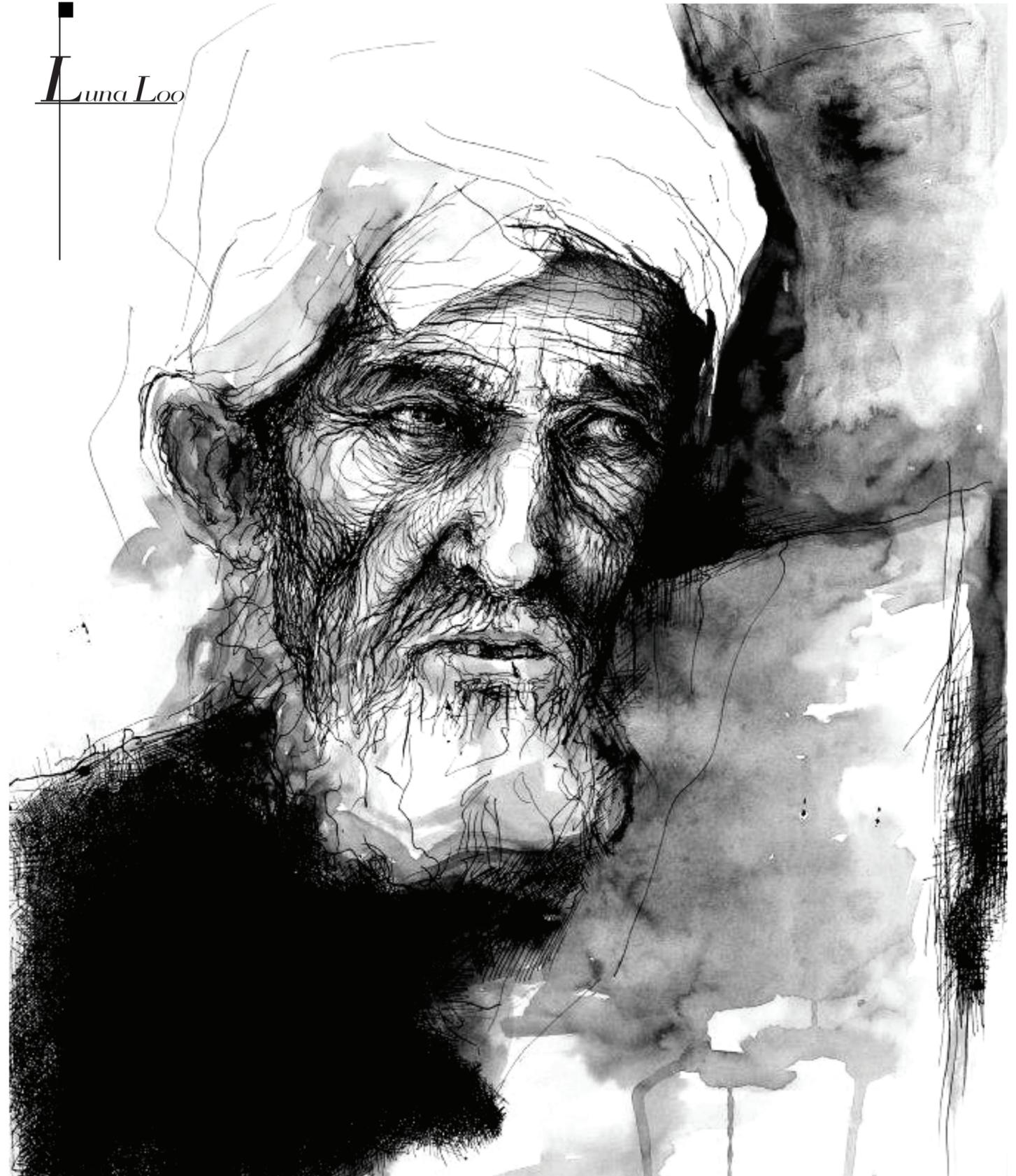
M.

há 1 hora •
Querida K.,

minha pele é puro sal. o suor secou, eu parei de caminhar, mas ainda está quente. eu quero a pedra maior, para caber meu cansaço. não durmo há noites e os dias são devotados a catar alegrias no sorriso dos meninos. só à noite eu posso ser triste. então estou sendo. vem me fazer dormir.

M.

Mariana Botelho





Isabel Sprenger Ribas

AS FLORES DO RIO DA ESQUINA

No rio da esquina tem um chorão
Que ao vergar seus galhos,
Encosta-os ao chão.
Gemem, eles, rimas com a água d'água
Que passa em contínua lida.
Que canta entre florinhas. Coloridas.
Vermelhas, brancas, roxinhas,
Cheias de vida,

Neste novo e expressivo tipo de canção.

É o cantante rio da esquina

Urbano e aprisionado.
Enclausurado em cimento. Mas, lindo.
Como todo rio. Líquida beleza infinda.

Chiando leve seu chiozinho chiado,
Como um barulhinho em surdina

Bem ali, parece um miado.

Ali,

Logo ali,

No riozinho da minha esquina.

João Paulo
Técnica: Nanquim

Panificadora e Confeitaria

Água
na Boca

3642-9376

panificadoraaguanaaboca@hotmail.com.br
Rua Pedro Druszc, 122 - Centro - Araucária



Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro -
Araucária. Fone: (41)3642-1622

Fernanda Novaes



SOFIA

Por detrás do olhar, nunca houve um sentimento sequer. Mentira. Eu te amei, e te amaria de novo. E voltaria, só para rever sua partida. A verdade é que eu preciso te reescrever. Você já transbordou além do coração, cabe agora em uma guerra e, em pelo menos, oito poemas. Por algum motivo qualquer – talvez amor – eu vejo você em todos os lugares, no preto e branco da calçada, nas nuvens, no cheiro do café – porque todo amor precisa de café, vinho e tragédia. Você está em todos os cantos! menos aqui.

Saudade; sem você, eu seria um personagem de uma vida sem amor.
Pseudo-cor.

Queria eu ter sido capaz de te proteger de tudo, sempre. Eu juro; não sei em quais pedras tropeçamos no meio do caminho. De repente meus olhos não eram mais tão doces e seu coração ficou muito difícil de segurar. Você, tão infeliz, tentando descobrir quando isso aconteceu, e como permitiu essas lágrimas incessantes. Eu, pensando em como te devolver sua felicidade. ao encontro dos seus azuis, eu acreditava estar mais próximo ao céu e seu; jurei ser eterno diluí-me amor? tua sensação me parecia tão maior

Gritos. Não esperava ouvir gritos; estão tentando entrar. Querem arrombar a porta com desespero. Força será inútil. Sobrevive em mim uma esperança de que seja você. É você, Sofia? Diga – ou melhor, grite – que sim, diga que o disparo está reservado para o meu coração. E não para silêncio sem fim.

abro a janela e gosto como ela me desvenda sem dizer nada a noite; fria e sombreada assim como eu, desacompanhada Assim como o amor, a morte escolher sem avisar. Repito: todo amor é feito de tragédia.

“Adeus, Sofia, adeus”.

Beijo entregue ao vento. Corpo entregue à alma.



WANTING TO DIE

• DE *LIVE OR DIE*, PUBLICADO EM 1966

*Since you ask, most days I cannot remember.
I walk in my clothing, unmarked by that voyage.
Then the almost unnameable lust returns.*

*Even then I have nothing against life.
I know well the grass blades you mention,
the furniture you have placed under the sun.*

*But suicides have a special language.
Like carpenters they want to know which tools.
They never ask why build.*

*Twice I have so simply declared myself,
have possessed the enemy, eaten the enemy,
have taken on his craft, his magic.*

*In this way, heavy and thoughtful,
warmer than oil or water,
I have rested, drooling at the mouth-hole.*

*I did not think of my body at needle point.
Even the cornea and the leftover urine were gone.
Suicides have already betrayed the body.*

*Still-born, they don't always die,
but dazzled, they can't forget a drug so sweet
that even children would look on and smile.*

*To thrust all that life under your tongue!—
that, all by itself, becomes a passion.
Death's a sad bone; bruised, you'd say,*

*and yet she waits for me, year after year,
to so delicately undo an old wound,
to empty my breath from its bad prison.*

*Balanced there, suicides sometimes meet,
raging at the fruit, a pumped-up moon,
leaving the bread they mistook for a kiss,*

*leaving the page of the book carelessly open,
something unsaid, the phone off the hook
and the love, whatever it was, an infection.*

Anne Sexton foi uma poeta norte-americana nascida em 1928, em Newton, Massachusetts. Sua poesia associa-se à tendência que chamamos de Confessionalismo, da qual foi uma pioneira. Caracterizada pelo conteúdo autobiográfico e a exploração de temas considerados tabus, a poesia confessional floresceu principalmente nas décadas de 1950 e 1960, tendo entre seus representantes Sylvia Plath, Robert Lowell e W. D. Snodgrass.

Na obra de Sexton encontramos a tematização de sua longa luta contra a depressão, o suicídio, abuso de remédios, aborto e menstruação (entre outros temas ligados ao “feminino”), e também suas relações familiares. Sexton foi premiada com o Pulitzer de poesia em 1967 e conquistou um lugar fundamental no cânone literário norte-americano.

A poeta suicidou-se em 1974.

Já que perguntas, na maioria dos dias não consigo recordar.
Caminho em minhas roupas, sem marcas
daquela viagem.
Então a quase inominável ânsia retorna.

Ainda assim não tenho nada contra a vida.
Conheço bem as lâminas de grama que mencionas,
a mobília que colocaste sob o sol.

Mas suicidas têm um código especial.
Como carpinteiros, eles querem saber quais ferramentas.
Eles nunca perguntam por que construir.

Duas vezes tão simplesmente me declarei como tal,
tendo possuído o inimigo, consumido o
inimigo,
aceito sua arte, sua mágica.

Desta forma, pesada e introspectiva,
mais quente que água ou óleo,
descansei, babando pela fenda da boca.

Não pensei em meu corpo na ponta da
agulha.
Mesmo a córnea e um resto de urina haviam sumido.
Os suicidas já traíram o corpo.

Natimortos, eles nem sempre morrem,
Mas ofuscados, não podem esquecer um
vício tão doce
Que até crianças contemplariam e sorririam.

Trespasar toda aquela vida sob sua língua! –
isto, por si mesmo, se torna uma paixão.
A morte é um triste osso; ferido, dirias tu,

e ainda assim ela me espera, ano após ano,
para tão delicadamente desfazer uma velha chaga,
para esvaziar minha expiração de sua
execrável prisão.

Equilibrados ali, os suicidas às vezes se
encontram,
enraivecidos com o fruto, inchada lua,
deixando para trás o pão que confundiram com um beijo,

deixando a página do livro descuidadamente aberta,
algo não dito, o telefone fora do gancho
e o amor, qualquer que fosse, uma infecção.

Gloria Kirinus

ENTRE DEZEMBRO E JANEIRO



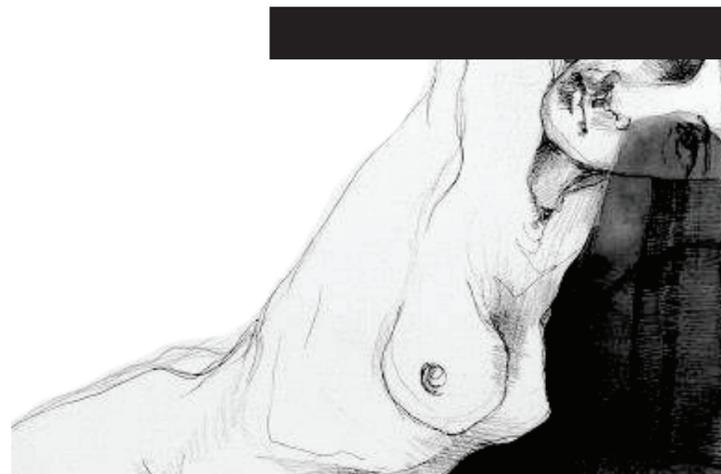
Entre Dezembro e Janeiro, empresário com pressa deixa o contador de histórias do era uma... para outra vez.

Entre Dezembro e Janeiro, Alguém embarca de novo e outro fica a ver navios no porto do esquecimento

Entre Dezembro e Janeiro, Certo amigo da onça, vira ursinho de pelúcia.

Entre Dezembro e Janeiro, O que era sim virou não. E um vento sem saída vira chuva de verão.

Luna Loo
Técnica: Nanquim



Emerson Fernando da Silva

ALICE...

Ali se via que tudo ouvia e a tudo coloria pelas vitrines verdes dos olhos encantados, caso alguém não a tenha notado refaço um pedaço adornado de acasos casualmente aqui contado. Dia de acordar, café para tomar, cigarro para fumar, crianças para educar, pessoas para conversar, asfalto e calçada para caminhar, relógio para lembrar, atraso para variar, cabelo meio armado ou meio penteado tanto faz, cabeça que pensa sem parar, vida que pode se achar destoada e do mesmo modo dela se pode extrair o necessário para se afogar em alegrias e mais alegrias, coisas para pensar, coisas que Narciso não entenderia, pois ali se via que não era seu próprio umbigo que importava, mais também se preocupava com vertentes que a outras vidas prejudicava, músicas para cantar, "passarinho que deixam pro tempo ou a Deuses de pedra para explicar", explicar a arte que se personifica e ali se vê, e ali se tem também muita espontaneidade, muito conteúdo, muita poesia, muitos defeitos, muita loucura, muito caráter, muitas molduras que ali mesmo são fabricadas.

Guilherme Sobota



Iara Amaral
Técnica: Nanquim

QUALIDADE DA ESCRITA E O PRINCIPAL ATRIBUTO DO LIVRO DOS NOVOS

O que é motivo para uma antologia? Na verdade, qualquer um: sexo, faixa etária, assunto, estilo, pertencer ao grupo certo de amigos, ter sorte, ter editor ou agente influente, ou, como eu acredito que seja o caso, a geografia (embora o motivo seja, obviamente, também, a faixa etária). O Livro dos Novos (Travessa dos Editores, 2013, 136 p.), organizado pela escritora Adriana Sydor e lançado recentemente em Curitiba, reúne 16 autores de até 30 anos que nasceram ou vivem em Curitiba e Região. São apostas – poucos já tiveram textos publicados em outras ocasiões – referendadas por uma editora tradicional da cidade.

Embora eu continue acreditando que a geografia é o principal atributo da coletânea (e o título me desminta), o que mais se nota pela ausência, nos contos, é a própria geografia. Não que isso seja um problema em si, mas poucos dos contos da antologia delimitam uma geografia precisa. Não a mistificação do Brasil, nem de Curitiba, não. Por exemplo: "No ringue de Hemingway", um dos melhores contos do livro, de Felipe Franco Munhoz, o início já situa tudo muito bem: "San Francisco de Paula, Cuba". Conseguir estabelecer uma geografia para a literatura (que precisa ir além do "campo" x "cidade"), acredito, é um bom desafio que merece ser encarado com mais vigor.

Há opções estéticas diversas entre os contos, mas nem tantas: a maioria das histórias se contenta em narrar um fato passado e pronto. Mas várias, é claro, vão além: "Guarda-roupas", de Arthur Tertuliano, opta por criar um imaginário vasto para, com elegância e desenvoltura, contar uma história de um transgênero. A carta de "Noite em Antônio Maria", de Daniel Zanella, é comvente. "Acabou", de Guilherme Custódio, consegue cumprir bem uma das lições de Ricardo Piglia nas Teses sobre o conto: contar as duas histórias numa só.

Outro fio que une, de maneira positiva, a maioria dos textos da antologia é o controle do narrador: a escolha da primeira pessoa, presente em 11 dos 16 textos, é a escolha mais óbvia, mais segura, e geralmente a mais acertada. Criar um foco narrativo na terceira pessoa é mais arriscado: assim como é arriscado usar muitos verbos no pretérito mais que perfeito ("acabara"). A não ser que o objetivo seja claramente escrever um texto situado em outro tempo, que não o séc. XXI, como acontece em "Híbrida Companhia", de Walter Bach, o uso do pretérito mais que perfeito é, quase sempre, desnecessário, chato e ingênuo.

A variedade temática dos contos, por outro lado, é um fator positivo. "Hominho", de Yuri Al'Hanati, é narrado em primeira pessoa por um fazendeiro que vê seu cavalo preferido esfaqueado por um parente deficiente mental; "Como fumaça", de Rodrigo Araújo, é um libelo quase modernista em defesa do tabaco; "Da falta de existir", de Melissa R. Pitta, usa a metalinguagem numa tentativa de abarcar a insignifância da literatura; "Era", de Marco Antonio Santos, tem um dos melhores e mais simples inícios do livro: "Entre 1997 e 2002 fui um cantor famoso"; "Entre Guaco & Azeitonas", de Celso Alves, cria um ambiente faroeste para uma história envolvente.

Senti falta de maior experimentação e liberdade narrativa, mas os textos são, quase todos, muito bem escritos. A iniciativa de uma coletânea dessa espécie é bastante elogiável: num mercado editorial burocrático, conseguir publicar pode ser, para muitos, uma conquista muito grande. Espero e acredito que não tenha sido, para ninguém, um experimento constrangedor.



●

MACHADO
VS.
NIETZSCHE

Seis horas doze minutos de uma manhã que promete sol, apesar de que, provavelmente, só vamos vê-lo na hora do almoço, já que ele precisará de todo esse tempo para que seus raios driblem os espigões de concreto e aço.

Sou o segundo da fila para negociar uma dívida com a Receita Federal – por mim, escreveria com minúscula, mas temos que respeitar as instâncias superiores, sob pena de falta de decoro literário – e já há na João Negrão o transitar frenético dos assalariados-mais-que-mínimos numa sociedade menos-que-perfeita que pululam aflitos com um olho no relógio e outro no terminal do Guadalupe para não perder o próximo coletivo.

Do lado oposto ruma, célere, um grupo de hermafroditas, pois não é possível distingui-los o sexo – todos têm cabelos raspados, vestem preto e uma espécie de calção curtíssimo –, liderados por uma voz bastante rouca rodeada de piercings por todos os lados. Com uma sonora gargalhada – como se a vida só isso fosse – dobram a esquina do destino que escolheram.

Cá do meu lado da rua, acabo de descobrir que os livros ainda vão demorar muito para desaparecer do planeta. Tenho absoluta certeza. Não sou só eu que carrego livro a todo lugar, principalmente onde haja forte indício de algum tipo de espera.

Enquanto procuro Gullar em alguma parte alguma, encontro na página setenta e cinco o poema que diz bem do momento, dando conta de que o homem tenta / livrar-se do fim / que o atormenta / e se inventa. E é isso que fazemos agora, nós três. Eu mais duas mulheres, tão idosas quanto, à busca de algo que só a literatura pode fornecer. Esse inventar para poder sobreviver ao caos urbano que congela almas e, ainda, um reinventar para fazermos de conta que tudo é bom para todos.

Luna Loo
Técnica: Nanquim

**O MELHOR DO FUTEBOL,
COM BOM HUMOR!**

www.allejo.com.br

Toda Letra
CORRETORES E REVISORES

Revisão de TCC's,
Monografias,
Dissertações
e Teses

www.todalettra.com.br
@todalettra_
facebook.com.br/todalettra
contato@todalettra.com.br

Súbito, assalta-me a curiosidade para saber o que leem minhas efêmeras colegas de devaneio. A da esquerda deve estar lendo – pela grossura do volume e pela inquietação que a leva, todo instante, a tirar o cabelo do olho – Nietzsche ou Cem anos de solidão. A da direita parece perceber o que eu quero saber e acaba formando uma concha – na minha segunda investida – sobre o livro, que com certeza, é um romance, talvez um Machado de Assis ou um José de Alencar, tal o grau de entrega a que parece estar exposta. O que quase deu para ver é uma capa mais luxuosa do que a do meu; é um desses livros que param em pé, talvez até emprestado da Biblioteca Pública ou de alguma faculdade paga.

E por que será que nós leitores estamos sempre querendo saber o que os outros estão lendo? Essa resposta só a Literatura tem, assim, bem escondida debaixo da saia justa, colada à liga que prende uma finíssima meia à sua grossa coxa esquerda, que leva sangue ao coração.

Falta pouco para as sete e, aos poucos, começam a chegar os funcionários da repartição, intermediários que irão olhar para nossa cara de literato bem resolvido e dirão que estamos sonhando os erários do Tesouro Público – e coloca tesouro nisso – e os juros parecem ser abusivos – são uma espécie de castigo –, mas não são e o senhor corre um sério risco de insolvência de sua empresa e que se não temos competência não devíamos ter nos instalado e mais aquele monte de bobagens que são exaustivamente treinados para dizer.

Abrem a porteira e feito gado corremos para o matadouro, subindo os três degraus até o minúsculo elevador. Quando a porta do mesmo se abre há um descomunal empurra-empurra e ninguém mais sabe quem é o primeiro, tampouco a ordem de chegada dos devedores.

No décimo andar todos correm para pegar a senha e a mulher que lia Machado diz que eu estava atrás dela; a outra afirma – com uma certeza maquiavélica – que eu não era o segundo da fila, uma prova insofismável de que as pessoas não se olham mais, e o que fazem com maestria é olhar para o próprio umbigo, o que pode ser um efeito colateral da ausência de sol nos apartamentos, a falta de diálogo que provoca valetas abissais entre as pessoas, a invasão da internet que coloca um computador em cada quarto, isolando pais e filhos, as taxas abusivas do cartão de crédito, cujos grilhões estão muito longe de serem rompidos, as uniões casamenteiras que persistem até que os filhos cresçam, a vergonhosa escalada do poder que serpenteia em todas as empresas ou a pesada mão do estado que sempre vence na queda de braço conosco, os consumidores finais.

O cara que não estava lendo nada – nem sequer uma bula de remédio – era o mais desesperado, talvez até por falta da literatura, cujo legado maior é o virtual entendimento humano. Teve uma síncope nervosa e estrebuchou ali mesmo, sendo prontamente atendido por uma guarda que pouco manjava de primeiros socorros, mas levou o insolente para um corredor para, talvez, administrar-lhe vinagre pelo nariz, pois dali a pouco estava de volta, alegando que era o primeiro da fila e que os sexagenários têm direito garantido pelo governo de serem atendidos antes dos cidadãos – digamos – comuns.

Confusão generalizada e quando faltava só o Machado arrancar, de um puxão, o promíscuo bigode do Nietzsche, outro guarda, esse com cara e porte do Capitão Nascimento, invade o recinto, seguido da T.E.M. – Tropa & Elite Mancomunada – e bota ordem no galinheiro.

O cara metido a galo teve a crista arrancada no vivo, sem anestesia, numa espécie de escal-

pelamento; Nietzsche teve decapitado o bigode e foi acintosamente trancado no banheiro das mulheres; o elemento que estava por último na fila alegando ser o sétimo foi amordaçado e colocado de castigo num canto, de joelhos, sobre um punhado de milho; a mulher que lia o romance passou a chorar copiosamente – e aqui ninguém sabe se era por ter desvendado o enigma de Capitu ou descontrolado emocional mesmo – e a outra resolveu me perguntar o que eu estava lendo; Machado pediu licença, pois queria ler, de qualquer forma, a Missa do Galo; a faxineira que não tinha nada a ver com a estória e nem devia para o governo foi colocada por primeiro na fila; a funcionária pública com trezentos anos de carreira e a uma semana da aposentadoria sacou de um trinta e oito e numa roleta russa de colocar inveja nos Nerds, explodiu a cabeça para não ser condenada a voltar para o fogão e o tanque de lavar roupa.

Eu fui saindo de fininho, de braço dado com o Gullar que me sussurrava no ouvido: uma parte de mim / pesa, pondera / outra parte / delira / uma parte de mim / é só vertigem / outra parte / linguagem / traduzir-se uma parte / na outra parte / que é uma questão / de vida ou morte / será arte?

Quando ganhamos a rua, o sol tinha perdido a batalha para a chuva que faz de Curitiba uma cidade muito temperamental.

em breve
edição especial RelevO – Defenestrando

vai vendo.
defenestrando.com

**DICESAR
BECHES**
Advogados associados

www.dicesaradvogados.com.br

Avenida Iguazu, 2947, sala 74 (41) 3082-1470
Água Verde, Curitiba - PR

Rua Coronel Joaquim Palhano, 184, salas 1/2/3/4 - Centro, Araucária - PR (41) 3242-1554

ReNato Bittencourt

BALCÕES

(set. 2013)
Para Ieda Godoy.

Os homens amam os bares,
e os bons bares merecem esse amor.

Jack Kerouac

Foi instalado por detrás de um balcão que comecei a ver o mundo. Se hoje já não sou moeda corrente pelos bares, sem dúvida muito estive pelos ambientes com mesas, balcões e bebidas. Fui vendo como são as coisas e mesmo passei a considerar que esses estabelecimentos são escolas seculares e templos profanos em que se oficia uma liturgia leiga, uma consagração de espécies que transubstanciam a alma dos homens.



Emerson Persona

Logo vou dizendo, todavia, que não era das catedrais: gostava era das capelinhas de bairro, igrejinhas de ruas laterais, atendidas pelo baixo clero. Ou, dito de outro modo, confesso minha predileção pelos botequins, os chamados pés-sujos, onde passei horas infinitas, em conversas masculinas, tagarelando com os copos, às vezes lendo jornais, avançando por livros, escrevendo em caderninhos comuns, e tantas vezes indo embora a despencar pelas tabelas.

Evidente que se trata de amor antigo. Afinal, nasci em um hospital a cerca de duas quadras de um botequim, certo botequim – o boteco do meu pai. Foi ali que passei tardes eternas, vendo acontecer aquele miúdo comércio. Por ali ficava, folheando um antigo diário chamado O estado do Paraná (a grande geada de 1975 e a crise do café) ou a revista Manchete (a família Kennedy, suas proezas e escândalos), testemunhando a conversa fiada dos fregueses. Foi naquele boteco em que circulavam os periódicos do seu tempo que vi começar o meu interesse pela cultura que está nos livros, esse fascinante, sempre crescente e mesmo infinito mundo (melhor: infinitos mundos) do conhecimento.

Era um boteco de cidadezinha, bem no modelo do lugar e da época: duas portinhas, duas mesinhas, umas banquetas, um balcão refrigerador, um balcão de doces, uma estufa de salgados (bolinho de carne, ovo cozido, coxas de frango fritas). Na parede do fundo, prateleiras até o teto, preenchidas com destilados e vinhos baratos – naquele tempo, conhecia aquilo mesmo, sabia apenas dos chamados vinhos de sagu.

Quem tiver a informação, faça a conta: nasci antes da seleção tricampeã, antes do homem na Lua, antes da morte do Che. Para mim ainda não, mas para o mundo havia esquerdas e direita. Havia União Soviética e Estados Unidos, Guerra Fria. O Oriente Médio já estava pegando fogo e ninguém entendia o que era aquilo.

Na avenida, eram vários os árabes (os ditos turcos) com suas lojas – confecções, calçados, aviamentos. Em uma dessas casas, na parede por detrás do balcão, havia a foto em preto e branco de um homem jovem e sorridente, sentado no chão, talvez o fuzil no colo. Era o líder do povo que nos vendia fitas de cetim e carretéis de linha. Na minha memória, penso que era Muamar Kadafi. Passaram-se 40 anos e Kadafi está morto. O Oriente Próximo continua em chamas. E com o tempo vim a aprender que esse povo não é tão distante de nós, que carregamos nas veias o nosso tanto de sangue mouro.

Eram mercadores, nossos fornecedores de camisetas, sapatos e noveleiros de lã. Mas dois deles estavam em outra aba, eram um pouco diferentes dos seus patrícios: dois irmãos não comerciavam vestuário e sim comestíveis e bebidas. Um deles era proprietário de uma cantina, um tanto sofisticada para o nosso contexto. O outro mantinha uma lanchonete na avenida, servindo cerveja, refrigerantes e quibes. No geral, um bar como os demais.

Sua filha era minha colega de turma na escola, que era chamada grupo escolar. Menina bonita, cabelos muito escuros. Nunca mais a vi, não sei que rumos tomou. Tampouco lembro do seu nome, nem mesmo se era dos nossos ou um nome tradicional da sua tribo.

Lembro, isto eu lembro, que era alguém como eu – ambos filhos da pequena burguesia de uma pequena cidade que, não sendo um vilarejo, também não era uma metrópole.

Esse era o mundo que eu testemunhava postado por detrás do balcão do botequim do meu pai: a rua em que as pessoas caminhavam sem muita pressa, os automóveis rolando sem muita pressa. Gentes e carros não eram muitos. Porta afóra era assim. Porta adentro, eu via a camaradagem masculina dos botequins, as conversas, as bebedeiras.

E havia também os outros bares, aqueles que o pai frequentava, e para onde, pilotando o seu carrinho, carregava os filhos varões. Havia o Nelson, que vendia bebidas e anotava o jogo do bicho; o italiano, em outro ponto da avenida, com a mesinha de bilhar; o Paulinho, naquele bairro afastado, mais uma sorveteria que um bar. E a dona Das Dores, com um minúsculo botequinho, quase sem movimento, quase na esquina da rua de nossa casa.

Era o comércio miúdo da cidade miúda, ninguém muito mourejador. Não se tratava de fazer fortuna, mas de seguir vivendo, sem grandes conquistas, mas também sem grandes sacrifícios. A vida mediana.

Todavia, essa foi a base a partir da qual alguns de nós sonhamos outras vidas, e mesmo nos atiramos na aventura. Eu não sonhei em encher a burra, antes investi na vida do espírito. Desde lá, dos gibis e revistas que lia encastelado atrás do balcão, mergulhei nos livros, com suas páginas tão rasas, apenas letras pretas sobre fundo branco (ou amarelado), e tantas páginas tão profundas, lugar de se perder.

Adentrando os 14 anos de idade, já no tempo das descobertas e fascinações, saí de minha quase aldeia para esta nossa capital de província, com suas escolas, livrarias, a biblioteca, os sebos. E um pouco mais tarde comecei a abeirar os botequins, conforme aprendi com o pai, fazendo isso por mim mesmo, tentando me desgarrar da tutela paterna. (Hoje sei que carregamos o pai dentro da gente infinitamente.) Nos botequins, tantas vezes me embriaguei, e também conversei, li e escrevi. Vivi histórias, comecei e terminei algumas delas ali mesmo, entre garrafas e copos.

Hoje, já não me faço presente nos bares como antes. Porém, ainda sou capaz de adentrar um desses ambientes só para encontrar um amigo, e ali ficar por horas seguidas, falando

da vida, ou dessa outra vida expandida que mora nos livros – basta abrir as páginas, assim como o espírito da bebida revolteia no espaço tão logo destampamos a garrafa.

Cá pela capital, mantive conta no boteco da pracinha do bairro onde morava, e circulei por todos os pés-sujos do entorno da faculdade. Ali comentei com os meus colegas o que aprendemos nas aulas, e também o que fomos pescando por fora.

Além disso, adquiri alguma desenvoltura no mundo das palavras escritas, em ocupações desse mundo vou ganhando meu pão e meu suco de uva (já que deixei o vinho propriamente dito...).

Mas talvez ainda sonhe com o pequeno comércio da pequena cidade. Muito provavelmente porque, depois de percorrer livros, mulheres e terras, eu continuo a ser o filho do dono do boteco.



João Paulo Melo
Técnica: Nanquim

PAPAI VOLTA PARA CASA

Papai estava atrasado, eu aproveitava o tempo inventando motivos que justificassem a espera. Cheguei a pensar em deixá-lo seguir sua vida, afinal de contas, parecia ser este o seu propósito. A vida toda pensara exclusivamente no seu umbigo, os demais sempre foram meios para alcançar seus fins. A hora marcada: dez horas. O trajeto a ser percorrido por ele, duzentos metros, dos seus aposentos até meu carro.

Sol escaldante, até mesmo os pombos que buscavam migalhas andavam sem pressa, quando um mais corajoso se atrevia a voar, mesmo que em sinal de alarme, não encontrava solidariedade nos demais. O calor daquele fevereiro derretia o significado das coisas e dos sentimentos, inclusive o medo.

Na certa, não seria o calor o motivo do atraso de papai.

Duas horas e vinte e dois minutos de espera, enfim ele surge na calçada em frente. A mesma fisionomia, mais envelhecida, embora as rugas não permitissem disfarçar o desprezo que demonstrava por tudo que se mostrasse a seus olhos.

Saí do carro, acenei, lentamente ele atravessou a rua. Ao se aproximar do carro:

-Quem é você, por que acenou?
-Sou sua filha, Valderez, lembra que fiquei de buscá-lo?
-Você é velha, quantas anos você tem? Não tenho filha de sua idade.
-Papai, sou eu, Valderez, tenho vinte e nove anos.
-Tenho uma filha com seu nome, ela tem quatorze anos.
-Quem telefonou para o senhor?
-Uma mulher.
-Está bem, a tal mulher sou eu, agora entre no carro, por favor.
-Carro velho, não podia ter vindo numa coisa melhor?
-Quer fazer o favor de entrar?
-Para onde estamos indo?
-Para sua casa.
-Pois que seja. Antes podíamos fazer um passeio? Quero dar uma olhada na cidade.

Andamos pela orla do Guaíba, av. Ipiranga, passamos pelo parque da Redenção, ele pediu para estacionar.

-Não dá, papai, não tem vaga?
-Não se perderá muita coisa, a cidade está mudada, bem mudada, só esta merda da Redenção permanece igual, à noite deve ser o mesmo inferno, a apoteose da escória ainda deve se dar por aqui. Naqueles tempos em que minha filha tinha uns cinco, seis anos não se podia passar em frente ao colégio militar à noite, só tinha via...

-Papai, podemos ir para casa, agora?

-Pois que seja. Você não pode ser minha filha, nem perguntou como foi minha estada por lá, você deve ser terrorista, anarquista. Comunista? Claro, é só olhar pra este carro velho, garanto que não é seu, comunista que se preza não pode ser dono de coisa alguma. Acertei?

-Papai, estamos chegando.
-Onde?
-Em casa, papai, em casa.

Assim que estacionei ele desceu do carro, se recusou a colocar o cinto de segurança e mal desligara o carro ele saltou, quase caiu. Minhas filhas vieram alegres cumprimentar o vovô e ele as ignorou, tratou-as como folhas secas caídas das árvores, desviou para não amassar.

Cláudio veio recebê-lo, estendeu a mão e papai virou pra mim:

-Quem é?
-Cláudio Lima da Costa, seu genro.
-Da Costa, que sobrenomezinho de merda? Pra quê da Costa? Esquece isso. Meu genro, dei consentimento? Não. Então você não existe, seu da Costa.

O olhar de desprezo não mudara, agora, porém, carregava algo que me atrevo a chamar de raiva. Sentou-se ali mesmo, na sala.

-Por que sua mãe não veio me receber?
-Papai...

-Vá chamá-la, ô mulher ruim, nem pra dar boas vindas se presta. Espera, antes que você vá buscá-la, é bom que saiba de uma coisa que guardo comigo há anos. Sabe por que você não tem irmão, irmã, sabe por que você é sozinha? Porque ela nunca quis ter outra criança, ela nem queria ter você. Teve porque eu paguei. Pergunte se ela não tem uma poupança gorda, foi o seu preço. Agora sim, vá chamá-la. Cadê os meus livros? Eu tinha deixado dois ali em cima da lareira. Não se pode confiar em ninguém. Tira essas crianças daqui, por que vocês estão aqui?, vão embora.

-Papai, nós moramos aqui.
-Esta é minha casa, aqui vivo eu e minha mulher, e onde diabos se meteu essa senhora? Essa senhora bruxa. Espero que apareça logo e dê conta dos meus livros, olha pode mexer em tudo, revirar tudo nesta merda de casa, mas não mexe nos meus livros. Eu tinha deixado dois ali em cima da lareira. Dom Quixote, o outro era O vermelho e o Negro. Quem colocou aquele crucifixo ali perto da janela?

-Papai, o crucifixo...
-Sem explicação, sem explicação, tira logo dali, você devia saber que detesto explicação. O que é explicado é feito obrigado, não tem espontaneidade. Crucifixo na parede não é acaso. O que vale a pena na vida não merece explicação. E sua mãe, não vem?

Andou pela casa, saiu pela porta dos fundos a procura da mulher que ele estrangulara há quinze anos, motivo de sua prisão.

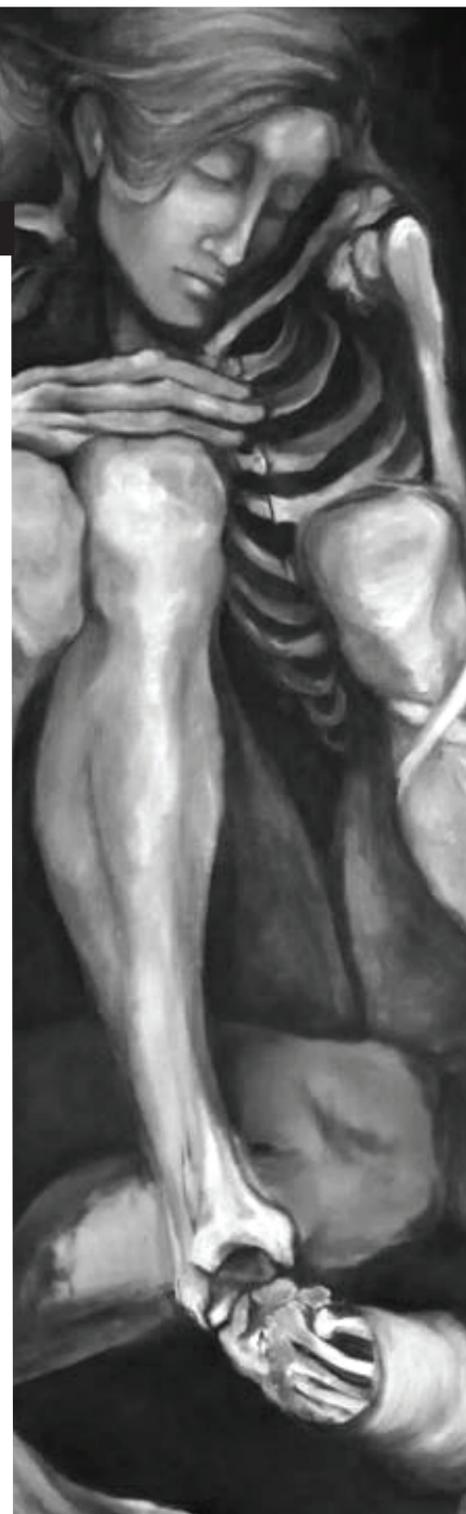


ASSINE JÁ!
REVISTA.JANDIQUE@GMAIL.COM
FACEBOOK.COM/REVISTA.JANDIQUE

NUMA PALINÓDIA DE COISA NENHUMA



Então cansa mesmo esse troço de texto. Mesmo quem lê não aguenta muito – fale por você! – Por você. Sim: eu falo sim. Cansa ainda mais debater pela razão. E metrificar versos rimados, não? Aparentemente ninguém mais percebe. Desde 1922 isso perdeu a importância. Mas aqui no Paraná, em Curitiba, ainda não. E aqui não conta nem primeira impressão. Vamos então nesse diálogo de surdos, mudos, semianalfabetos supercultos: uns aos outros encostados, sem se olhar. E as escritoras, então? A própria língua já discrimina e aprisiona todas elas. E você mesmo, não está vendo as grades? Ainda não suporta errarem tantas crases? Nota o nível médio afundando e sorri? Que diabos você pode fazer aqui? E não disfarce: não te pediram nada disso. Quer ser poeta e só te querem crítico. E a língua te sacaneia nos pronomes. Uniformidade de tratamento? Não me faça rir. E basta, já está cansando. Aproveite pra rimar como com quando. E não mencione nada da ingenuidade: o plano era versar assim sem vontade. O motivo: um texto de um tal de Daniel Osiecki. Mas nada de muito relevo (hehe) – falou de mercado editorial curitibano (haha). Falou do Snege, falou também do Manoel Carlos Karam. Mas não fique citando nomes num poema. Você tem que fingir que todos já sabem tudo. Assim é mais reconfortante que a prosa, na qual tem quem finja até que explica. Como se todos achassem que soubessem. Como se todas nos lessem. Grande coisa. Portanto finja que isso é uma bela sátira. Que estão todos e todas achando graça. Que vai ficar belo impresso nessa página. Que vai ser tido como algo de relevo (hehe de novo). Que foi porque pediram. Que foi porque você até tem senso crítico. Que não tem nisso nenhum jogo sub-reptício. Que não era pra usar termo tão difícil. E que aqui tem pouco chope e muita espuma numa palinódia de coisa nenhuma.



Luna Loo
Técnica: Acrílico sobre tela



Daniel Osiecki

A HIPOCRISIA DA VERDADE

Durante o ano de 2013 ocupei meu singelo espaço neste bravo periódico resenhando escritores curitibanos (ou residentes em Curitiba) que não estão em evidência na mídia. Vários deles são meus amigos pessoais, o que nunca me impediu de aplaudir os acertos, nem apontar as falhas. Dilema moral já apontado pelo heterônimo Álvaro de Campos ao se referir ao ortônimo Pessoa: “Sou demasiado amigo de Fernando Pessoa para dizer bem dele sem me sentir mal: a verdade é uma das piores hipocrisias a que a amizade obriga”.

Neste primeiro texto de 2014 é com a consciência tranquila (diferente de Álvaro de Campos) que falo bem da Antologia novos autores curitibanos: 60 crônicas, poesias, contos, publicada pela Gusto Editorial. A antologia é o resultado de um concurso literário organizado pelos curadores do Festival Literário Litercultura, que selecionou vinte poemas, vinte contos e vinte crônicas.

A coletânea como um todo, diferente do que apontaram os organizadores na apresentação do livro, não é um volume “quase homogêneo”. Há textos de escritores já experientes, com obras publicadas, e em contrapartida também há textos de iniciantes, alguns muito juvenis, principalmente na seção de poesia. A antologia peca nesse aspecto, pois não segue um padrão de qualidade do início ao fim. Porém, a iniciativa é mais do que válida, pois serve como um sopro de entusiasmo à escrita de que todos iniciantes precisam.

O que a antologia apresenta de melhor é a seção de crônicas, mostrando ótimos cronistas que acertaram a mão em reflexões cotidianas das mais variadas. A começar pela bela crônica Arte sem intelecto, do jovem Gustavo Moreira, na qual discorre sobre os tortuosos e sombrios caminhos da arte contemporânea e sua permanência em uma sociedade apática, fútil e rasa. Texto escrito com vigor, mostrando um jovem talentoso e preocupado com questões estéticas relevantes.

Outra crônica que vale ressaltar é Machado VS. Nietzsche, do grande poeta Renato Vieira Ostrowski. A crônica de Ostrowski nos mostra uma situação familiar a muitos: os embates com a burocracia de uma repartição pública. Há fila pra tudo, o tempo parece não passar e a má vontade dos funcionários é evidente. O narrador “vítima” só se conforta com um volume de Ferreira Gullar que carrega embaixo do braço. E conforme a manhã vai passando ele procura observar o que os outros estão lendo naquele momento. É uma atividade curiosa e perturbadora ao mesmo tempo.

Ostrowski mostra em Machado VS. Nietzsche que, além de grande poeta, é um grande cronista. Em conversa recente com Renato disse que ele é conciso, direto e preciso como um Moacyr Scliar e erudito como um Nelson Rodrigues. Agradável surpresa.



André Caliman
Técnica: Nanquim

#CONSCIÊNCIA

#BREU

#PROSTITUIÇÃO

Sim-vida, não-vida, haja-vida -
Vibre vermelho marcado,
Contraste amarelo, espumem,
onde todos cotovelos,
gigantes de ouro,
ecoam com seus calos duradouros
do eterno cansaço da busca pela permanência
em muquifos, bordellos, arantes e aviários

estruturais gospels às banquetas desenfreadas
atingindo todos os joelhos cansados de simbolismo
querem sim, sim, siiiiiim, S-I-M
nunca mais que dúvida quis
de hiperbólico
bastou sofrer.

ah meus anjos caídos nesta terra úmida,
quem são vocês se não meu próprio reencontro,
que somos nós, não, a égide do caos,
efigênio, eficaz, eferimento, deferimento
do dentro ao caco enquanto Descartes caiu no esquecimento
e eu cantei

oh cantei, sambas, sem Bach
num ritmo em que sonhava sem deitar
em dores e perseguições por arguições de desapontamentos
e eles todos caíam,
caíam,
para sempre, furo do céu, é cu é pó é pênis

é perseguir o universo no verso
de um anverso versátil em pleno silêncio da folha
(branco)
me preenchendo enquanto enche o na da
e todas as máquinas, máquinas do destino seco
pálido, branco, magro, entristecido do passado

sessenta maços de cigarros
fluentes delinquentes na língua dos dê-repentes
perdidos e partidos nos ladrilhos de sucrilhos
e tigres e hipopótamos caindo por borboletas
enquanto os olhos de BUD Ah escorrem
nas vitrines no centro cú ultra real

em dominós os velhos guarda-pós
com suas moedas caridosas na aposta da esperança
e flui, flui, flui para todo sempre enquanto para-flui

tu há de ser sentimento ou lamento
na correnteza dessa certeza
que é de(s)cantar.